ALMANAK
LITTERARIO
E ESTATISTICO
DO
RIO GRANDE DO SUL

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

3 C

1912

ALMANAK

LITTERARIO E ESTATISTICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

ORGANISADO

POR

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES

24º ANNO

Editores — Pintos & C.

SUCCESSORES DE CARLOS PINTO & C. SUCCS.

Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre

Estado do Rio Grande do Sul

STEREOSCOPIOS

Ampliadores, Lanternas de ampliação e de projecção

LANTERNAS MAGICAS

COM GRANDE VARIEDADE DE VISTAS

Pequenos cinematographos

com vistas coloridas, dando a illusão completa do movimento

Tratados de photographia

EM PORTUGUEZ E FRANCEZ

Tratados especiaes sobre retoque

PINTURA DOS POSITIVOS

GRAVURA CHIMICA E PHOTOGRAPHICA

AMPLIAÇÕES ETC. ETC.

Encarregamo-nos de mandar vir qualquer artigo por encommenda

Dão-se informações detalhadas a quem pedir

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LIVRARIA AMERICANA

PINTOS & C.

PELOTAS - RIO GRANDE - PORTO ALEGRE

A Flora

NOS COSTUMES SUPERSTIÇÕES E LENDAS BRAZILEIRAS E AMERICANAS *

O archeologo percorre as ruinas de uma cidade antiga, examina as columnas de uma galeria que tombou, tira uma photographia de uma parte ainda conservada, faz diversas excavações, copia e decifra inscripções, tudo para reconstruir uma architectura e descobrir as leis a que obedeceu.

Mais instructivos e não menos interessantes sãs os restos e espolios do mundo intellectual, os quaes nos revelam a natureza, a organisação e estado mental das sociedades de outrora. São as tradições que o povo conserva nas suas lendas, mythos, contos e usos supersticiosos.

Como os objectos materiaes caracteristicos e curiosos que nos legaram gerações precedentes, vão parar em nossos museos, assim os despojos intellectuaes, tomando corpo nos costumes, idéas e lendas de cada nação, reunem-se hoje nos archivos da historia, estes museus do mundo mental, que o homem observador e o historiador avidamente analysam como subsidios para a reconstrucção de um escuro passado.

Estes estudos a que nos grandes centros de cultura, Paris, Londres e Berlim, se dedicam actualmente com preferencia, se propõem recolher e classificar as tradições historicas, cosmogonicas e gentilicas conservadas na mente vulgar, nos habitos, usos e costumes. São conhecidos estes estudos pelo nome de *folklor*, palavra ingleza, que traduziram por «saber tradicional popular.» Podia-se tambem chamar «litteratura oral» que, a bem dizer, vive na bocca do povo, e como a litteratura é considerada a expressão mais fiel da sociedade, não pode haver material mais precioso para sua historia e conhecimento do que estas tradições populares, em que vive e pulsa a alma, o pensar e sentir de um povo.

---

*) Publicando aqui de novo o bem acertado estudo sobre a *Flora*, que tamanho interesse despertou entre os estudiosos do nosso *folklor*, devo prevenir que não se trata de uma simples reproducção, porem de um trabalho refundido consideravelmente augmentado e com capitulos novos. Publicar só a materia nova que neste trabalho se contem seria tirar-lhe todo o interesse. Por isso resolvi fazer a publicação integral, certo de que isso será mais agradavel e mais util aos estudiosos.

Depois de termos levado nossos leitores por uma variada galeria de lendas e costumes que figurem nas regiões da avifauna, queremos desta vez conduzil-os pelos amenos vergeis da flora brazileira e americana. Grande parte destes trabalhos são sobras ou como lascas do severo labor de estudos criticos e historicos.

I — PLANTAS LEGENDARIAS e CULTURAES

Por estas entendemos em geral as que se cultivam em escala grande para fins determinados, como as alimenticias, as industriaes, como as textis, de tinturaria, por aquellas todas que figuram no mytho ou na historia distinguindo-as das medicinaes, que trataremos na segunda parte. São vegetaes que mais de perto acompanham o homem no seu percurso civilisador e estão sob a influencia immediata delle, como a mandioca, o milho e outros.

Origem do milho

Que o milho é de origem americana attestam-no os descobridores e primeiros exploradores do novo mundo. Tambem os botanicos como Leunis e outros não se oppõem a esta derivação. Uma confirmação desta opinião encontramos tambem nas lendas que correm entre os indigenas da America, tanto do Sul como do Norte, sobre a origem deste precioso grão.

Entre os guaranis achou-se o seguinte mytho.

Em tempos perdidos na noite da antiguidade, quando viviam os indios mui afastados uns dos outros, cada familia devia por si só cuidar e procurar o sustento na caça ou na pesca.

Dois caçadores, porem, havia que viviam juntos e eram os unicos que se ajudavam na caça e repartiam o producto della entre si e suas familias.

Um dia quando foram pescar, disse um delles : Não seria possivel que *Nhandeyara*, o grande espirito, que manda as aves do céo e os animaes da terra para nosso alimento e o de nossos filhos, se dignasse de pôr sobre a terra outra casta de alimentos que fossem mais faceis de colher ? Os fructos silvestres têm sua curta estação, a caça e a pesca costumam faltar-nos por vezes e muito mal passariamos, se as raizes de umas plantas e os grelos da palmeira não nos servissem tambem de sustento.

Em taes conversas passaram as horas ; a pesca não foi mui abundante naquella occasião. No dia seguinte cedo apromptaram os dois caçadores seus arcos e flechas e dirigiram-se ao matto em procura de jacús. Caminharam muito, detendo-se por vezes para escutar o ruido de uma

caça levantada que fugisse. Porem a batida não deu resultado melhor que a pesca do dia anterior ; as aves, os quadrupedes se tinham retirado para outra região e apenas obtiveram o indispensavel. A escassez fazia-se sentir toda aquella lua ; uma noite conversavam os dois amigos assentados sobre um tóro que lhe servia de banco perto da porta, quando lhes appareceu um valente guerreiro, que sahira da escuridão todo envolvido em raios de luz.

Approximando-se delles, disse que era enviado de Nhandeyara, que tinha ouvido sua conversa na escuridão e que o mandara para proporcionar-lhes o alimento que lhes faltava. Para esse fim devia luctar com cada um, para ver qual delles era o mais forte, tendo o mais debil de sacrificar-se e ser enterrado perto da cabana. Da sepultura nasceria uma planta util aos homens, que daria fructos exquisitos e sufficientes para sustentar em todo o tempo as duas familias e a quantos a cultivassem.

E immediatamente começou a lucta no pateo. O mais traco era Avaty : este era o nome de um dos caçadores. Deu-lhe sepultura o sobrevivente amigo, que lamentava a inevitavel separação ; e o guerreiro desappareceu na sombra donde sahira. Aquelle tinha de trabalhar com afinco e demorar-se muito tempo nos bosques e nos campos para grangear o alimento indispensavel para a sua familia e a do amigo.

Em um dos primeiros dias da primavera foram surprehendidos pela agradavel nova de que no tumulo de Avaty tinha nascido uma formosa planta de grandes folhas verdes e espigas douradas. Viu então o caçador cumprida a promessa feita pelo luctador e tranquillisando-se comprehendeu a grande sabedoria de Nhandeyara, que pode sacrificar um homem de bem para o bem de todas as suas creaturas.

Desde então chamam os guaranis aquella planta *avaty*, em recordação do indio sacrificado, e os naturaes de toda aquella terra cultivaram com esmero nas suas pequenas roças o primoroso grão, cuja espiga, ao ser passada de mão em mão, symbolisa a união e affectuosa amizade. Pois nenhum bom indio olvida que a abundancia que proporciona esse admiravel alimento, tanto aos homens como a seus animaes, provem do sacrificio de um amigo fiel.

Existe na America do Norte uma variante extensa desta lenda, recolhida graças ás investigações de C. Mathews, que omittimos para não sermos prolixo.

O milho, base da alimentação dos antigos habitantes do Mexico e da America Central, occupa um logar importante na sua mythologia e historia tradicional.

Suas tradições referem que a invenção deste cereal deu-se depois da grande inundação diluvial da antiguidade americana e que foi effectuada por Quetzalcohuatl ou por seu companheiro Yucateca, Cuematz.

Naquella epoca os deuses, desejando encontrar com que acudir a subsistencia dos homens, se puzeram em marcha para descobrirem alguma planta.

Cuematz chegou ao fim da estação da chuva á montanha Paxil sita nos limites occidentaes de Guatemala e do estado de Chiapas.

Ali encontrou homens carregados de feixes de milho. Segundo um autor seriam formigas, simbolo de industria e do trabalho, as que teriam levado a Quetzalcohuatl ao descobrimento de cereal tão importante. [1]

Em geral se attribue o achado do milho á civilisação dos Toltecas ; parece porem que os Olmecas, antes da epoca daquelles, o cultivaram.

Em todo caso, o milho anda associado a muitas divindades do pantheon mexicano. Era o emblema de Conteotl, deusa dos cereaes dos Astecas. O Deus Tlalo levava uma haste desta planta na mão.

O caracter sagrado do milho se encontra a cada passo na liturgia dos antigos mexicanos como na dos povos magos. Entre estes regabam os devotos fieis o milho com seu proprio sangue e os grãos assim regados se distribuiam entre os crentes a maneira de pão bento. [2]

Celebravam os mexicanos no mez de Setembro a festa das sacerdotizas da Mãe Milho, circumstancia que os liga aos peruanos que tambem veneravam em Setembro, que é o mez das mulheres, a deusa *Mama Sara* (mãe milho).

Neste mez realisavam-se os casamentos. Sendo a cultura peruana dominada de uma astrolatria ou astronomia symbolica, não admira que Mama Sara se encontra entre as estrellas do céo ; e parece corresponder á constellação da Virgem, pois é precisamente no mez de Setembro que se acha o sol nesta signo. [3] Da flora mexicana trataremos mais detidamente.

A Mandioca

Tirarem da morte a vida, do veneno produzirem alimento e o pão quotidiano é cousa que não facilmente con-

1) Brasseur de Bourbourg, Popol Vuh, Introd. pag. 88 cit. por L. de Rosuy La Escritura Hieratica, pag. 48.

2) Herrera, Hist. general, dec. III. l. 4. cap. 7. Pedro Martyr, doc. VI l. 6. cit. por Rosuy.

3) Congrés des Americanistes tenu a Paris.

seguem os homens. O maravilhoso vegetal chamado mandioca nos apresenta este phenomeno ou presta-se a realisal-o. Antes de tratarmos este ponto apontemos os caracteristicos geraes desta planta.

Sua origem americana está fóra de duvida, ainda que seja cultivada na Asia e na Africa tropicaes. A sciencia incorpora-a na familia das euphorbiaceas, que se distinguem por um succo leitoso, muitas vezes peçonhento, que vertem por incisão. Da raiz que lhe confere a importancia da mais notavel e proveitosa do Brazil, levanta-se um arbusto de dois metros e meio de alto, cujas folhas em ordem de dedos se parecem com mãos abertas.

Planta-se a mandioca, cavando a terra em monticulos e metendo em cada um tres ou quatro pausinhos da vara, tendo porem, o cuidado de quebral-os á mão ou de cortal-os á faca, porque deitam leite donde nascem e se geram as raizes. Ha uma casta de mandioca que, se a deixam criar, dá raizes de cinco a seis palmos de comprido e tão grossas como pernas de um homem. Duram debaixo da terra, sem apodrecerem, tres a quatro annos.

Ouçamos agora de Gabriel Soares como no seculo XVI preparavam a comida nacional.

« E para se aproveitarem, diz o nosso fiel narrador, os indios e mais gente destas raizes, depois de arrancadas, raspam-nas muito bem até ficarem alvissimas, o que fazem com cascas de ostras, e depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra, ou ralo, que para isso tem, e depois de bem raladas espremem esta massa em um engenho de palma (especie de cesto cylindrico) a que chamam tupitim (hoje dizemos tipiti) que lhe faz lançar a agua, que tem, toda fóra, e fica toda esta massa toda enxuta muito bem, da qual se faz a farinha que se come, que cozem em um alguidar, para isso feito, em o qual deitam esta massa, e a enxugam sobre o fogo, onde uma india a mexe com um meio cabaço, como quem faz confeitos, até que fica enxuta e sem nenhuma humidade e fica como cuscuz, porem mais branda, e desta maneira se come e é muito doce e saborosa.

«Fazem mais desta massa, depois de espremido o humor, filhós, o que chamam *beijús*...tão saborosos e de boa digestão, que é o mantimento, que se usa entre gente de primor e que foi inventado pela mulheres portuguezas, que o gentio não usava delles»[4]

Por serem de mais facil digestão, os productos da mandioca foram preferidos por muitos ao pão de trigo, o qual os governadores Thomé de Souza, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brazil, que se não davam bem com elle.

4) Noticia do Brazil, II livro, cap. 38.

Ninguem poderia suppor ou adivinhar que a mandioca, a fartura do Brazil, fosse tão perigosa aos inexperientes. «Porque é a mais terrivel peçonha que ha no Brazil e quem quer que a (agua da mandioca) bebe não escapa, por mais contra-venenos que lhe deem, a qual é de qualidade que as gallinhas, em lhe tocando com o bico, ou levando uma gotta para o bico, caem logo da outra banda mortas, até os porcos, cabras, ovelhas, em bebendo o primeiro sorvo, dão tres e quatro voltas em redor e caem mortas, cuja carne se faz logo negra e nojenta ; o mesmo acontece a todo o genero de animal.[5]

Um abuso deste terrivel veneno nos permitte dar uma rapida vista aos costumes daquelle tempo. No sumo esprimido se criam uns vermes brancos que são peçonhentissimos, com os quaes muitas indias mataram seus maridos e senhores. Tambem mulheres brancas se aproveitaram deste meio contra seus maridos. Basta lançar um destes vermes na comida duma pessoa para não escapar, não aproveitando-lhe remedio algum.

Que apezar desta qualidade mortifera chegou a ser o sustento e o pão quotidiano de um vasto paiz, é por certo cousa admiravel. Houve historiador que, não sem razão, tentára deduzir deste facto o alto gráo da intellectualidade dos indios, ao menos dos seus antepassados.

Não admira pois que procurassem para esta planta singular uma origem superior e que a encontremos no dominio das lendas.

E' tradição, segundo Vasconcellos, que ensinou seu uso o plantio o apostolo S. Thomé ; os pedaços dos ramos que se plantam são assim mettidos em terra que fiquem em forma de cruz.» Entre os guaranis do sul ha uma tradição muito parecida áquella.

S. Thomé, vendo nelles tão boa disposição para receber a luz do evangelho, tomou um talo de planta, partiu-o nas suas mãos e mandou que enterrassem estes pedaços. Em poucos dias brotaram outras tantas plantas. O apostolo mandou que lhe espremessem as raizes e logo as torrassem com que perderiam seu veneno. Deste modo é que ainda hoje no Brazil, no Paraguay e Corrientes se faz a farinha.

Tambem no valle do Orinoco conservam os indios a tradição de S. Thomé.

Sobre a origem da maniva existe a seguinte lenda brazileira :

Em tempos remotos revelou-se gravida a filha dum morobixaba nas margens do Amazonas. Seu pae, querendo punir o autor de tanta deshonra, perguntou quem era seu perfido amante.

5) Noticia do Brazil, II livro cap. 39.

A joven respondeu que não tivera relação com homem algum. Admoestou-a o velho e empregou debalde rogos e ameaças e por fim castigos severos. Mas a joven persistiu na negativa.

O chefe tinha deliberado matal-a, quando lhe appareceu um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ella era realmente innocente e nunca tinha tido relação com homem.

Conteve-se o irritado morobixaba : sua filha deu á luz uma creança encantadora, branca, que com poucos mezes falava e discorria perfeitamente. Não só a gente da tribu, tambem a das nações visinhas vieram visital-a para ver esta nova e desconhecida raça. Puzeram-lhe o nome de *Mani* e ao cabo de um anno morreu, sem que doença alguma tivesse annunciado a sua morte.

Foi enterrada dentro da casa paterna ; regavam diariamente a sepultura, segundo antigo costume da tribu. Em breve brotou uma planta que, por inteiramente desconhecida, deixaram crescer. Floresceu e deu fructos. Os passaros que destes comiam se embriagavam ; phenomeno que, desconhecido dos indios, augmentou-lhes a admiração. Afinal fendeu-se a terra ; cavaram-na e na forma do tuberculo ou da raiz julgaram ver representado o corpo de Mani. Comeram-na e fizeram uma bebida fermentada, que foi seu vinho.[6]

Este vinho, preparado com a mandioca cozida, é o *cauim*, bebida predilecta dos selvagens do Brazil, no tempo do descobrimento, e segundo o visconde de Beaurepaire-Rohan[7] era ainda no fim do seculo passado usada na provincia do Espirito Santo.

Não é difficil conhecer que em mandioca, que é corrupção de *mani-oca*, se conservou o nome de Mani ; mandioca diz casa ou sepultura de Mani ; ou conforme Magalhães, transformação de Mani.

O Umbú

Arvore mais vulgar e mais conhecida do que o umbú[8] (phytolacca dioica L.) não ha no Rio da Prata, di

6) Couto de Magalhães : O Selvagem.

7) Diccionario de vocabulos brazileiros, Rio 1889.

8) Pertence á familia dos phytolaccaceas. O diccionario brazileiro diz erroneamente phytollacceas ; deriva-se de «phyton,» planta e «lacca,» verniz, porque os fructos fornecem uma tinta de um lindo vermelho.

Granada. E se não se pode dizer outro tanto do Rio Grande, é certo que todos apreciam-lhe a sombra. Por encontrarem-no só onde foi plantado, suppuzeram que não era indigena. Mas os botanicos hespanhoes enumeram-no entre estes. Sabe-se que na epoca do descobrimento os indigenas plantavam, junto aos sepulchros dos seus maiores, um umbú. Pode ser que por isso lhe attribuissem um aspecto triste como aos cyprestes ou salgueiros. Mas não parece cousa semelhante que desperte idéas de pezar como aquellas arvores que povoam nossos cemiterios.

O povoador do valle do Prata tem cortado em todo o tempo quantas arvores tem tido ao alcance do machado. O estancieiro ou o capataz que, percorrendo o matto, vê uma formosa arvore de tronco direito e alto, exclama :

—Que bom *pau*, cortem-no !

Tanto os antigos hespanhoes, como os portuguezes e brazileiros chamavam de *pau* a arvore, considerando-a sómente sob o ponto de vista da utilidade economica ou medicinal. A semelhante intuição obedece a divisão das arvores no Brazil em duas grandes classes, de que a mais importante é a das *madeiras de lei*, comprehendendo sob este nome as arvores que fornecem as melhores madeiras de construcção. Muitas destas são mais conhecidas pelo nome de *pau*, como *pau brazil*, *pau ferro* e outros.

O camponez brazileiro incendeia o matto em cujo terreno quer fazer uma roça, não poupando nem arvores fructiferas nem medicinaes.

Quando porem planta uma, é o umbú, que se desenvolve frondosamente sem cuidado nenhum, nos valles, nos chapadões e cochilhas.

O umbú apparece isolado e solitario nas pampas como nas cochilhas e quando tiverem desapparecido a ultima parede ou os alicerces de uma tapera, elle ainda indica o logar onde esteve uma morada humana. E quando tenha desapparecido todo vestigio de humana habitação e quando nossos olhos não descobrirem mais um indicio de que planta de homem tivesse pisado a região deserta, no meio duma planicie ou no dorso duma cochilha se avista um annoso umbú .extendendo sua rica folhagem. Quasi pode assegurar-se que ali houve um lar, ali dias de regosijo e de amargura, ali illusões e desenganos, ali um casamento, um baptisado, ali feretro e luctuosos episodios. Seriam estas, já alegres, já tristes recordações, a explicação do respeito com que, ao que parece, se ha sempre olhado

para um umbú ? pergunta Granada. [9] Mas, respondo, infelizmente não é assim. A verdadeira causa de ter ficado em pé o umbú, é que não serve para mais do que para dar sombra. Seu tronco e ramas não tem applicação para cousa alguma ; nem para fazer postes, pois apodrecem antes de seccar ; nem para o fogo, pois não ardem.

Personifica o vulgo ignaro, que no seu modo de pensar tem muito do homem primitivo, as forças da natureza e todos os objectos que as manifestam ; a aroeira, por exemplo, é malefica com seus effluvios, os cerros para elles são bravos com seus estrondos e chammas.

Tambem o camponez rio-platense chegou a attribuir á influencia do umbú a ruina dos lares e da fortuna. Ainda impinge-lhe outras qualidades más : aquelle que se lhe deita na sombra, levanta-se inchado e com dor de cabeça.

Alguns pensam que chegou o momento da ruina da casa, quando lhe tocam as raizes do umbú aos alicerces. Não é tão facil desarraigar um umbuzeiro. Por mais que arranquem as raizes e restos, sempre ha de levantar a cabeça por um lado, e a gente, não podendo conseguir a sua exterminação, abandona a casa e vae estabelecer-se em outro logar longe dali.

E' assim muito natural que junto de uma tapéra[10] se encontre um umbuzeiro. «Está se vendo, diz o campeiro, o umbú traz comsigo a ruina das familias» ; e formou-se o proverbio :—Casa com umbú acaba em tapéra.

O umbú e a tapéra, inseparaveis na natureza, não o são menos na corographia do Brazil e do Rio da Prata, em cujos textos e mappas se encontram muitas vezes.

A imaginação do vulgo campestre do Rio da Prata, assevera o citado autor, quer nas tapéras durante a noite ver os defuntos, os paes de familia que em dias felizes habitaram o logar em que jazem os restos da casa arruinada e talvez os despojos mortaes de alguns seus parentes. Gritos, suspiros, gemidos e luzes demonstram-lhe com evidencia a vinda das almas do outro mundo a taes sitios.

Ali andam penando e pedem preces para seu alivio

---

9) Reseña historico-descritiva de antiguas y modernas supersticiones de Rio de la Plata, por Daniel Granada. Consultamos e aproveitamos diversas vezes este autor, mórmente quando nos referimos aos paizes visinhos do Rio da Prata e do Paraguay.

10) Tapéra é vocabulo guarani e significa povo abandonado, propriamente, o que foi povo. Nos idiomas sul-americanos extendeu-se a qualquer moradia abandonada ou para significar ruinas.

e descanso. As doridas sombras silenciosamte admoestam aos nocturnos visitantes, ensinando-os com seu exemplo como acabam as fortunas ; em uma noite recolherão os paus, trapos, ossos, cacos e os demais restos que lá acharem e os amontoarão em um canto do solar destruido e abandonado como se quizessem dizer :— Eis o que resta de tudo.[11]

A herva-mate

Quanta influencia tem exercido esta planta sobre a sorte e os costumes dos habitantes das bacias do Uruguay, Paraná e Paraguay, podemos ver de uma memoria que dirigiu o bispo de Buenos Aires, D. Manoel Antonio ao rei de Hespanha propondo-lhe um enigma, a saber : «Com esta herva deixam os paraguayos de ser homens, quando outros com ella se fazem homens.» Promette ao mesmo tempo ao rei, se Deus lhe dér melhoras á cabeça, desatal-o ou resolvel-o com verdade e clareza dando informe em separado. E effectivamente ainda no mesmo anno enviou a promettida informação que existe ainda inedita no archivo geral de Buenos Aires,[12] que se estende por 15 folhas, e é para o estudo daquella epoca de bastante valor, especialmente quanto ao commercio. Aqui consignaremos apenas os pensamentos sufficientes para resolver o «enigma.»

Começa o prelado affirmando como cousa incontestada que o trafico da herva tem enriquecido os commerciantes do reino. Por outro lado, ainda que não necessita de cultura esta especie por ser arvore silvestre, com tudo sustenta que a herva aniquila e escravisa os paraguayos, não conseguindo estes, por sua simplicidade, utilidade alguma ; pelo contrario todos os seus graves atrazos provêem deste chamado beneficio, succedendo-lhes o mesmo que ás ovelhas e abelhas. Sendo isto assim como é, o paiz deva atrazar-se muito, visto que sahem delle de oitenta a cem mil arrobas de herva em cada anno.

Os hervaes distam mais de 130 leguas de Assumpção e os caminhos são tão difficies como perigosos, a cada passo, pelos pantanos, banhados, lagoas e montanhas penhascosas que é preciso vencer, e que D. Manoel Antonio conhecia por experiencia propria, pois a elle não se abria uma excepção quando visitava Curuguati.

---

11) Não se deve confundir o nosso umbuzeiro com seu homonymo do Norte, que é arvore therebinthacea (spondias tuberosa, Arruda) cit. Almanak do Rio Grande do Sul organisado por Alfredo Ferreira Rodrigues, 1907, pag. 125.

12) Arch. Gen. de Buenos Aires, 12, 2, 14.

Alem disto precisa-se de um exercito de animaes, para uma tão dilatada viagem, somente para os viveres, não se encontrando em logar algum do seu percurso, recurso algum, nem mesmo sal. Para uma tropa de cem cargas são necessarias ainda outras tantas mulas para substituir aquellas que enfraquecem ou parecem, maltratadas. Não fazem senão duas ou tres leguas de caminho por dia. Dividem-se em tropas menores de dez mulas, cada uma conduzida por um peão pelos apertados entre as montanhas. A carga era regularmente de quatorze arrobas.

Toda a caravana ia seguida de mais de cinco peães briosos chamados *retaguardeiros*, que levantavam as cahidas e mudavam as cargas para outras, para o que são necessarios cinco pessoas ; uma para segurar a mula e as outras quatro para levantar as duas bruacas. Com mais outra que cuida das descarregadas, duas que fazem os ranchos e uma que governa tudo, o capataz, são dezenove pessoas que, não se alimentando regularmente, precisam quasi de uma rez por dia.

A viagem leva mezes, porque ora as aguas os obrigam a passar riachos intransitaveis pelas enchentes, ora a secca fal-os parar por falta de pasto e por fraqueza do gado. E' quasi commum que, depois de quatro e mais mezes de viagem chega a herva das montanhas á cidade com muita mortandade de mulas e muitos trabalhos e fadigas dos peães.

Ordinariamente estes entram quasi nús, porque das suas roupas o que não foi dilacerado pelas montanhas foi consumido pelos rios, quando tiveram de passar por elles a nado, conduzindo a herva carregada em *pelotas*, ou quando os animaes se atolam a cada passo nos innumeros lodaçaes e elles não podem deixar de enlamear-se como as bestas, «o que vi, diz o prelado, com indizivel compaixão : considerando que a pena de galé com que na Hespanha se castigam ou castigavam os malfeitores é uma delicia em comparação com esta faina que torna os infelizes paraguayos ainda mais infelizes do que forçados das galés e os reduz ao numero daquelles de que David disse *que não trabalhavam como homens.*»

As mulas alugam-se para este transporte por um peso (ouro) pagavel em herva posta na cidade com preferencia a outra qualquer divida, com a condição pouco sã de que, si perece a mula, a perda não recahe sobre o dono e sim sobre o tropeiro, que a alugou, e que se obriga a pagar o seu valor que são dezeseis pesos ou mais, que correspondem a oito arrobas de herva posta na cidade.

Mas accresce outra circumstancia aggravante : emquanto não entregar a herva, corre o aluguel até effectuar-

se o pagamento, ainda que passem annos. Isto dá-se não poucas vezes.

As vantagens ou lucros que resultam destas lidas não são para o Paraguay e sim para os mercadores estrangeiros que arribam com o commercio de roupa e outros generos vindos a Buenos Aires, commummente destes que se chamam *quebrados*, vindos para saldar ou remediar as quebraduras com os simples dos paraguayos. Introduziram como lei que o lucro que tiram de seus generos não será menor de trezentos por cento, segundo sua factura, e, quando tem opportunidade, quinhentos e mesmo mais ; que o preço da herva, porem, nunca ha de passar de dois pesos ocos[13] a arroba, ainda que se não encontre um unico surrão na cidade ; e assim são inalteraveis os preços dos outros generos da provincia.

Supponhamos, pois, que um destes commerciantes quebrados resolvesse saldar-se. Para esse fim procura obter, fiada, uma factura de roupas e mais um sortimento de outras fazendas e drogas que monte tudo a tres mil pesos. Não falta quem o abone, nem mercador que por um lucro se desfaça do refugo da sua loja. Vae, pois, encaixotando os generos mais velhos e encantoados, sem reparar se estão sãos ou roidos das traças, cobrindo tudo com algumas peças da moda, galões prateados, botões dourados, um sortimento de fitas ornadas de prata falsa, avellorios, emfim, uns oculos para que fique desenganado ou enganado a olhos vistos. Sendo tudo de qualidade inferior, marca-se-lhe o preço supremo e ainda em cima termina a factura, escriptura ou obrigação com a clausula que passado um anno, ha de pagar oito por cento.

Para fazer face aos riscos o negociante quebrado escreve um traslado ou copia da factura e eleva os preços pela terça parte, de sorte que assim já monta a quatro mil pesos. Chega á provincia e começa a louvar os seus pães e como para o faminto não ha pão ruim, existindo tantos sem roupa no Paraguay, vêm-lhe apinhar-se á tenda e se vestem sem olhar para os trezentos por cento. E attingindo á somma mui grossa, tem de sujeitar á hypotheca a estancia de gado, que assim fica perdida, ou a chacara com a sua capoeira, cercas e casas com a clausula dos demais bens, quando não costumam ter mais que males.

---

13) No tempo colonial do Paraguay não corria dinheiro, mas permntavam-se os productos da terra. Para terem uma unidade approximativa, combinaram que um certo numero de arrobas de herva correspondesse a um certo numero de pesos. Tres pesos de herva equivaliam a um peso de prata e aos taes pesos de herva davam o nome pesos ôcos.

Começa o miseravel paraguayo a phantasiar beneficios de herva : trata de conchavar peães a troco de roupa, encaixando-lh'a pela terça parte ou a metade mais que o ajuste da factura. O panno que em Buenos Aires vale quatro reales, se lhe emmala por quatro pesos ; a baeta que vendem ali por tres reales a vara, se lhe enfarda por 20. As bretanhas[14] que valem quatro pesos a peça, lhe deixa por 20, 24 e mais.

A faca que vendem por um real e meio, por oito reales ; o linho e algodão desta terra que é um peso ôco a deseseis reales e assim o demais. Todo pobre, não obstante veste-se de tudo, ficando prompto á custa do beneficio futuro, pois tem de ir aos hervaes, 130 leguas distantes, fazendo a ida e a volta á expensas suas. Ali cada arroba de herva que beneficia o hervateiro não tem mais valor que um peso ôco e para pagar nesta especie duzentos pesos de roupa (que não equivalem a 30 pesos de prata) se demoram naquelle deserto por um anno e mais, mal alimentados, tendo por cama o duro solo, sem outro abrigo do que sua pouca roupa ; dormindo entre viboras e outras cevandijas peçonhentas e depois destes penosos incommodos tem de madrugar para buscar os ramos de herva ás vezes longe muitas leguas, fatigar-se em cortal-os, enfeixal-os e trazel-os ás costas como se fossem jumentos, e, em vez de dormir de noite, torrar e sapecar a herva com grande cuidado e por muito tempo para que se não percam as fadigas do dia.

Vivem assim um anno e mais como pagãos sem doutrina e sacramentos. Com este exercicio gasta o vestuario e acabada a tarefa volta mal alimentado e peior vestido, encontrando assim tambem a sua familia e ás vezes augmentada e é esta a maior lastima.

Pelos receios de dever e não poder satisfazer seus compromissos ausentam-se não poucos, outros enfermam e não poucos assim se fingem e tudo é enfermidade para o pobre beneficiador paraguayo. Urge o comprimento da factura e vê-se o miseravel mais atado que a herva. Espera annos e annos até que se pague e sobrevenha a morte. «De tudo o que, bem considerado, se convence o que ao principio deste informe affirmei a V. M. ser o beneficio da herva do Paraguay seu maior maleficio, sua dura escravidão e perdição achando-se mais nús quanto mais procuram os vestidos.» Não se pode negar que uma vida destas não é de homens, emquanto os quebrados se arranjam, e...assim está resolvido o celebre enigma.

---

14) Panno de linho fabricado na Inglaterra.

Não só na historia,[15] tambem no dominio das lendas figura o mate (Ilex paraguayensis). Tem o uso da herva, no dizer de Granada, uma alta origem no que podiamos chamar mythologia christã. Já desde o primeiro quartel do seculo XVI corria na America do Sul a lenda da estada do Apostolo S. Thomé no Brazil e paizes limitrophes. Chegando ao Paraguay, viu os immensos mattos de arvores do mate ; os indios, porem, não lhe conheciam utilidade alguma ; olhavam-nas até com repulsão, porque as tinham por venenosas. S. Thomé achou entre os guaranis muito boa disposição para receber a fé e as aguas do baptismo. O santo, vendo a dedicação da nova grei, quiz fazer-lhe um beneficio assignalado e ensinou-lhe o uso da herva. Attrahida por sua palavra, tinha-o um dia seguido grande multidão, quando arrancou uma porção de herva e a ajuntou cuidadosamente. Depois fez uma fogueira, extendeu as folhas da herva de tal maneira sobre as brazas que, sem queimal-as nem fumal-as, as tostasse. Pela lenta acção do fogo perderam as folhas da herva, por meio da evaporação das substancias damnosas, as qualidades mortiferas que por natureza possuiam.

O que servia para grande consolação e regosijo dos fieis guaranis foi que as folhas pulverisadas emittiam suavissima fragrancia, circumstancia esta que manifestou-lhes quão precioso e gostoso devia ser o beneficio outorgado pela mão do santo. Desfaziam as folhas tostadas e pondo-as em agua produziam uma bebida tão agradavel como proveitosa, a mesma que hoje chamamos mate. E' Lozano que nol-o narra na sua historia da conquista.[16]

Segundo o mesmo autor, conferiu S. Thomé a esta herva virtudes medicinaes contra pestes e varias doenças. Uma terrivel peste dizimava os povos guaranis. Os infelizes moradores recorreram a S. Thomé, que então andava pregando por aquellas regiões. O santo apostolo respondeu :— Em casa possuis o remedio ; a misericordia divina nunca desampara os justos.»

Em seguida mandou trazer uns ramos de herva, tostou-os, triturou as folhas, pol-as em agua e bebeu na presença dos circumstantes, para que não receiassem fazer o mesmo pequenos e grandes. Bebei, accrescentou, as folhas desta herva e com ellas sarareis os enfermos ; e vós, os sãos, ficareis immunes da peste.

15) Tratamol-a em opusculo: «A herva-herva na historia e na actualidade, Porto Alegre 1907. cf. Annuario do Rio Grande do Sul 1908.

16) Hist. de la Conquista de Paraguay, Rio de la Plata, Tucuman, tomo 1 cp. 8.

Obedeceram os indios ; tostaram, pulverisaram e puzeram em agua as folhas da herva e ninguem morreu que já enfermo tomára a bebida, nem adoeceu o são que usara-a como preservativo contra a peste.

Esse é o motivo porque os indios de Maracayú e ao depois outras tribus, quando bebiam o mate, invocavam o seu inolvidavel bemfeitor, particularmente nas occasiões de epidemia.

Seja que deixassem este piedoso costume, seja que a herva perdesse essa virtude, uma cousa é certa : contra a epidemia da variola, que tanto dezimou as tribus guaranis, não tinham remedio algum.

Ha porem outra tradição assaz diversa sobre a applicação e uso do mate. A darmos credito a Ruy de Montoya,[17] a herva era originariamente um dos vehiculos mais efficazes da feitiçaria ou magia guaranitica. Narra que um feiticeiro foi ensinado pelo Anhangá (Jurupari) como devia beber a herva, quando quizesse consultal-o. O pagé bebeu e desde então fazia maravilhas. Usou-a tambem como ingrediente nas suas feitiçarias. Lozano[18] conheceu tambem este uso entre os guayanás : «Dizem os feiticeiros : a herva me disse isto ou aquillo,» quando davam seus oraculos.

Os feiticeiros communicaram seu mysterio a outros e assim pouco a pouco ficou uso geral. Dizem que nenhuma cousa se presta com tanta facilidade e disfarce a proporcionar o feitiço chamado damno. Parece que esta bebida servia tambem de filtro e que havia mulheres que faziam deste negocio um commercio.

Ainda hoje em dia pode-se por vezes fazer a observação que o dono da casa ou quem offerecer a cuia a seu hospede toma primeiro uns goles, mas logo atira-os. E' provavelmente um resto de um uso antigo que praticam, sem conhecer-lhe a origem, dizendo só que os primeiros sorvos não são bons. Os antigos praticavam cousa semelhante, allegando, porem, que o demonio Anhangá contaminara a herva com seu malefico influxo.

Elles atiravam os primeiros goles da bocca para as costas, um por cima do hombro direito e outro por cima do esquerdo.

Que o uso do mate estava ligado a observancias vãs, confirma-o o facto de ter o provincial Diogo de Torres accusado este uso como superstição diabolica que acarretava muitos males. Mas não conseguiram extirpar o uso

17) Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus, Bilbáo 1892, cap. 7.

18) Hist. de la Conquista I. capitulo 19.

do mate entre os indios ; tomavam-no porem com moderação, uma vez por dia ; os hespanhoes o tomavam a cada passo e ás vezes com tanto excesso que perderam o juizo.[19]

Propriedade de tomar o mate é que se toma com um companheiro ou em roda, passando de mão em mão e de bocca em bocca. No campo homens e mulheres, sãos e enfermos, negros e brancos, todos um depois do outro chegam seus labios sem reparo algum á mesma bomba. [20] Quem não approximaria os seus beiços do copo em que antes bebeu um dos mais chegados parentes, não escrupulisa em introduzir na bocca a bombinha que acaba de sahir da de um extrangeiro ou desconhecido. Tanta é a força dos costumes.

Tendo o mate a qualidade de actuar sobre os nervos, considera-o um habil *folklorista* como um dos mais efficazes factores com que as forças da natureza concorrem a avivar a centelha da imaginação e os sentimentos que informam o mundo da arte.

As palmeiras

As palmeiras não só caracterisam uma paisagem como tropical, mas por um seu vulto algo altivo imprimem a sua physionomia uma nota de nobreza. Distinguindo-se das arvores por seu tronco elevado desprovido de galhos, forte e elastico e por suas folhas com cuidado trabalhadas e dispostas nas formas elegantes de abanadores e leques foram por Linneo elevadas á alta categoria *das princezas do reino vegetal.* E de facto por sua folhagem que ora se parece com uma magnifica corôa, ora com azas de grande ave que parece voar, por seu porte soberbo e graça esbelta insinuam respeito e saudades.

Ao Brazil por uma riqueza desses nobres vegetaes deram outrora, segundo Couto de Magalhães, o bello nome de *Pindorama*[21] paiz das palmas. E o canto do exilio do maior lyrico brazileiro não começa pela saudade da terra das palmeiras ?

Anda envolvida a palmeira nas mais antigas reminiscencias que existem sobre o nosso paiz.

---

19) Montoya, Conq. cap. 7.

20) Para quem não conheça este instrumento sirva de esclarecimeuto o seguinte: A bomba ou bombinha é um cano delgado de prata ou metal, de um palmo de comprido, por meio do qual sorvem o mate ; alarga-se na parte inferior, que se introdnz na cuia, para formar uma espheraôca e crivada de orificios, por onde passa o liquido coado.

21) Sept. Confer. Para o tricent. de Anchieta.

Demos a palavra a quem nos conservou e transmittiu a mais antiga lenda brazileira, o padre Simão de Vasconcellos. «Diziam os que eram mais curiosos e de maior experiencia que por tradição de seus antepassados correra sempre, que houvera no mundo um diluvio universal em que morreram os homens todos, e que dos poucos que delle escaparam se tornara a povoar esta sua terra, e foram estes os primeiros seus progenitores, depois daquelle grande diluvio.

E contavam a historia na maneira seguinte : Que antes de chegar o diluvio havia um homem de grande saber, a que elles chamavam Payé (que val o mesmo que mago ou adivinhador, e entre nós propheta) o qual tinha por nome Tamandaré, e que seu grande Tupá, que quer dizer excelleneia superior, e vem a ser o mesmo que Deus, falava com este e lhe descobria seus segredos : e entre outros lhe communicára que havia de haver uma inundação da terra, causada de aguas do céo, e alagar o mundo, sem que ficasse monte ou arvore, por mais alta que fosse.

Accrescentavam que exceptuara Deus uma palmeira de grande altura que estava no cume de certo monte, e se ia as nuvens e dava um fructo a moda de cocos, e que esta palmeira lhe assignalou Deus para que se salvasse das aguas elle e sua familia sómente, e que no ponto em que o dito payé ou propheta a tal noticia teve, se passou logo o monte que havia de ser sua salvação com toda sua casa. Eis que estando neste rio certo dia que começava a chover grandes aguas, e que iam crescendo pouco a pouco e alagando toda a terra, e quando já cobriam o monte em que estava, começou a subir elle e sua gente aquella palmeira signalada, e estiveram nella todo o tempo que durou o diluvio, sustentando-se com a fructa della, o qual acabado desceram, multiplicaram e tornaram a povoar a terra.

Este era o dizer fabuloso daquelles naturaes ; e segundo isto tem para si que antes do diluvio havia já povoadores em sua terra, e que aquelle mago ou adivinhador com sua familia já a povoava antes das aguas do diluvio e ficou tambem povoando depois delle.»[22]

Que especie das muitas que possue o Brazil, salvou a Tamandaré, a lenda não revela.

Ha uma ou outra que é capaz de sustentar familias ou tribus inteiras como nol-o affirma Humboldt da *Mauricia* que se eleva a uma altura de 32 metros. A carne e o

---

22) Noticias das cousas do Brazil por S. Vasconcellos S. J. l. I. n. 74, 75.

amago dos fructos oviformes são comestiveis, do suco residente nos involucros das flores preparam o vinho de palma e das folhas fabricam redes, como no sul do conhecido palmito *tucum* (bactris) ou da *piaçaba* (attalea funifera) de cujas fibras durissimas fazem tambem cordas, amarras e as celebres vassouras.

A alterosa palmeira Euterpe ou *assahi* no valle do Amazonas e particularmente nos arredores de Belem do Pará que por seu bello aspecto enleva como a musa Euterpe por suas harmonias, attinge a respeitavel altura de 48 metros.

A bebida mui apreciada e agradavel que extrahem dos seus fructos macerados em agua, chamada tambem *assahi* e que negros e indios em vasos de barro levam sobre a cabeça apregoando-a e vendendo-a pelas ruas do Pará, exerce não menor e talvez fatal attractivo :

«Quem vae ao Pará parou ;
Quem bebe *assahi* ficou».

Mas a todos vence, por sua utilidade universal, a *carnauba* (copernica cerifera M.) a qual deu Martius o nome do conego Nicoláo Copernico, o grande astronomo. Esta, cuja patria é o Ceará fornece aos habitantes do sertão quasi tudo quanto precisam para satisfazer os necessidades da existencia ; para a comida e bebida os fructos, para a construcção o tronco duro, de cujo material se confeccionam tambem instrumentos musicaes ; as folhas cobrem as cabanas.

Da medulla prepara-se uma farinha. Até a necessaria illuminação é fornecida por este vegetal, é a celebre cera de carnauba que se recolhe de suas folhas e de que fabricam velas que são tambem um artigo de exportação. Das mesmas folhas prepara-se um fio forte para redes, ou camas suspensas, tecidos e cordas. Não se encontra neste amigo do homem parte alguma que lhe não sirva para um mister.

O maracujá

A flor da paixão (passiflora-coerulea) foi antigamente muito apreciada e celebrada como a graça dos prados, brinco da natureza e devoção da piedade christã.

Dizem que, em principios do seculo 17, chegou a primeira planta da America a Roma que foi offerecida a Paulo V. Parece que tambem foi aqui que a piedosa phantasia se apoderou desta bella flor e descobriu-lhe as relações religiosas, com tanto enthusiasmo expostas por Vasconcellos. Attribuem ao padre Ferrari a paternidade do nome—flor da paixão ou passiflora — o qual a classificou na sua obra *De florum cultura*, publicada em 1633.

A elegante trepadeira no Brazil é mais conhecida pelo nome indio maracujá.

A alludida descripção da bella flor americana é celebre ; Lozano adoptou-a quasi palavra por palavra na sua historia da conquista e outros historiadores a reproduziram.

E' esta :

«A flor é o mysterio unico das flores. Tem o tamanho de uma grande rosa, e neste bello campo formou a natureza um como theatro dos mysterios de redempção do mundo. Lançou por fundamento cinco folhas mais grossas, ao exterior verdes, no interior sob rosadas ; sobre estas, postas em cruz, outras cinco purpureas, todas a uma e outra parte. E logo deste como throno sanguineo, vae armando um quasi pavilhão feito de uns semelhantes a fios de roxo, com mistura de branco. Outros lhe chamavam corôa, outros mólho de açoutes aberto, e tudo vem a ser. No meio deste pavilhão, ou corôa ou mólho, se vê levantada uma columna branca, como de marmore, redonda, quasi feita ao torno, e rematada por uma preciosa maçã ou bola, que tira a ovado.

«Do remate desta columna nascem cinco quasi expressas chagas, distinctas todas e penduradas cada qual do seu fio, tão perfeitas que parece as não poderia pintar noutra forma o mais destro pintor : se não que, em logar de sangue, tem por cima um como pó subtil, ao qual se applicais o dedo, fica nelle pintada a mesma chaga, formada de pó, como com tinta se poderia formar. Sobre a bola oyada do remate, se veem tres cravos perfeitissimos, as pontas na bola, os corpos e cabeças no ar ; mais cuidareis que foram ali pregados de industria, se a experiencia vos não mostrára o contrario.

«A esta flor por isso chamam flor da paixão, porque mostra aos homens os principaes instrumentos della ; quaes são, corôa, columna, açoutes, cravos, chagas. E' flor que vive com o sol, e morre com elle: o mesmo é sepultar-se o sol, que fazer elle sepulchro daquelle seu pavilhão ou corôa, já então côr de lucto, e sepultar nelle os instrumentos da Paixão sobreditos, que, nascido o sol, torna a ostentar ao mundo.»

Não é provavel que os feiticeiros ou pagés conhecessem estas relações em que os christãos puzeram o maracujá e o mysterio da redempção, segundo pretenderam uns autores. Parece porem certo que os pagés de certas

tribus indias, ao serem iniciados nas superstições diabolicas, começaram a abster-se dos fructos do maracujá.[23]

O Tabaco

Narra Gabriel Soares que os indios do Brazil quando andam pelo matto e lhes falta o mantimento, matam a fome e a sede com este fumo, pelo que trazem sempre comsigo, e não ha duvida que este fumo tem virtudes contra a asthma. Dos indios passou depressa o uso do tabaco pare os europeus. Um contemporaneo de Soares descrevenos a paixão dos fumadores do seu tempo. Não ha quem tire o tabaco jámais da bocca em fumaça ou do nariz em pó, e infinitos ha que nem de ambas as maneiras se fartam delle, só os poderia encher quem lhes descobrisse invenção, que elles comprariam por muito dinheiro, de o metter dentro em si, não só pelo gosto e cheiro, mas tambem pelos outros sentidos.

Não podendo tanto, chupando o fumo reprimem o folego quanto podem, para que a fumaça tenha tempo para andar visitando, consolando todas as partes interiores. Aos que tem fome serve de pão, aos que tem sede serve de agua, aos que comeram em demasia dizem que ficam desalijados ; se estão com calor, que os refresca ; se com frio, que os aquenta ; se com mau humor, que lh'o bota fóra o pó moido e tomado pelos narizes. E para que sempre o tenham á mão, não só o trazem na algibeira, mas quando em viagem, levam uma peça de aço, com que tiram lume da pederneira, ferindo-a.

Apezar da rapidez com que se propagou o uso do tabaco pela Europa e se extendeu ás mais remotas partes da India e até no Japão, encontrou muitos influentes adversarios. Os mais poderosos monarchas se declararam contra a introducção desta planta nos seus dominios.

A Russia prohibiu o uso do tabaco primeiro com a pena de açoutes, depois com a de ter o nariz cortado o contraventor e finalmente com a pena capital. Na Turquia passavam aos primeiros fumadores os cabos dos cachimbos pelas ventas. O shah da Persia prohibiu o tabaco em toda a extensão do seu reino.

Na Europa contentaram-se em pôr direitos exorbitantes neste genero de mercadoria e com o mandar publicar livros contra seu uso. Jacob, rei da Inglaterra, publicou um tratado escripto por elle mesmo em que mostrava

---

23) Southey. History of Brazil: cap. 34.

Este capitulo mereceu ja uma traducção hespanhola pelo esforçado folkorista chileno D. Clemente Barahona Vega no seu bello trabalho — La Rosa de la Pasion. Todo este estudo será honrado por uma truducção sua.

o prejuizo que causava esta planta. Um rei da Dinamarca mandou escrevesse outro o seu medico. Na França sustentou-se these publica contra o tabaco. E cousa singular ; o medico que presidiu ás conclusões estava constantemente tomando pitadas, emquanto se provavam com evidencia os horrorosos damnos que este uso acarretava.

Mas, não obstante esta guerra, tomavam, fumavam e mascavam cada vez mais o tabaco. Inutilisadas já todas as outras armas, recorreram até ás censuras da igreja.

Urbano VIII prohibiu o tabaco nos templos, onde causava grande desordem seu uso. Contam que nesta occasião publicaram um pasquim, em que entre outras se liam estas palavras :

«Contra folium quod vento rapitur, ostendis potentiam tuam et stipulam siccam persequeris.»

Theologos e moralistas pregavam energicamente contra o fumo infernal.» Como acontece muitas vezes, a prohibição não impediu que o costume se extendesse até ao ponto que começou a constituir uma das rendas mais productivas de estado. A Allemanha foi um dos primeiros paizes que toleraram o uso do tabaco, graças ao exemplo de Guilherme I. pae do rei Frederico II, e do Tabakscollegium. A França e outros paizes logo imitaram o exemplo.

Já muito antes de dividir ao mundo civilisado em dois partidos, contrario um, favoravel o outro a seu respeito, o tabaco tinha sua historia entre os selvagens do novo mundo e mais particularmente representava papel importante no dominio das lendas. As plantas que por suas propriedades de alguma maneira se singularisam, lançam raizes, florescem e fructificam no fertil e dilatado campo do mytho e da lenda.

Mormente são as plantas excitantes que pagam tributo ás lendas, pois usava-as o feiticeiro para accender em seu espirito o fogo do enthusiasmo.

Quando os tuxavas ou homens principaes tinham de incumbir-se de negocio grave, recorriam ao feiticeiro. Este, na presença daquelles, tomava umas folhas de tabaco e lançava-as no lume e aspirava a fumaça pela bocca e nariz até cahir no chão como morto. Voltando a si, dava a resposta conforme os phantasmas que vira no estado do somno.

Conforme Oviedo, cultivaram os indios das Antilhas, de S. Domingos e Cuba, o tabaco nas suas hortas e seu uso parecia-lbes não só proveitoso, mas coisa mui santa.

Aspiravam o fumo pelas ventas, introduzindo nellas um canudinho de junco ou uma canella de ave.

Entre as tribus americanas em geral andava intimamente ligado ás ceremonias religiosas e era para ellas a

herva santa. As tribus do norte extendiam a veneração desta ao apparelho em que acendiam a herva. O fumo tirado deste apparelho chamado *calumet,* e assoprado contra o sol, imprimiu um cunho religioso a todas as transacções sociaes e politicas.[24]

Tambem na bacia do Amazonas, segundo nos refere o P. A. Vieira, usavam os indios o tabaco em ceremonias de culto ; incensavam um pagé com tabaco, que elle recebia com a bocca aberta. [25]

Os indios pampas regalam na pessoa do feiticeiro o *gaulicho,* o anhangá tupí, que, introduzido naquelle, fala por sua bocca. Offerecem-lhe um ovo de avestruz e em seguida tabaco, que elle fuma. Simula o feiticeiro vomitos : é anhanga, é anhanga, que, depois de ter-se regalado com o ovo e a fumaça do tabaco, se despede e sae do corpo do adivinho, no meio do regosijo e das acclamações do povo reunido, que, a gritos e atirando fogo ao ar, o saúda.

Assim o observou o capitão Hernandez na sua expedição contra os indios teguelchos, que se preparavam para uma invasão em povoações christãs.

Por todo o Brazil onde se falava o tupí e o guarani, era conhecido o *Korupira,* este ente phantastico cujos diversos mythos conheciam Anchieta, Fernão Cardim, Margraf, Simão de Vasconcellos e outros. Para os autores modernos, é o senhor e genio protector dos mattos e da caça, que pune os que a damnificam e premeia os que lhe obedecem e o respeitam.

No Amazonas é um pequeno indio tapuyo que imita as vozes dos quadrupedes e das aves e assim logra o caçador. No Maranhão encontra-se com preferencia nas margens dos rios para pedir fumo aos canoeiros ; aos que lh'o negam, vira as canoas. No Rio Grande do Norte e na Parahyba, onde monta um veado, o caçador pode contar com elle na caça, se lhe offerecer tabaco. Em o Sergipe encontra-se nas estradas e quando lhe negam tabaco para o seu cachimbo, mata a gente, fazendo-lhe cocegas.

Muda de figura e de nome, mas não da sua paixão pelo tabaco. No Rio Grande do Sul porém contenta-se por vezes com umas velas que lhe accendem os vaqueiros para lhes ensinar o paradeiro de uma novilha perdida ; aqui tem o nome de negrinho do pastoreio.

Das muitas lendas só citarei uma : O Korupira e o pobre.

Contam que, não se sabe como, um homem e uma mulher viviam em muita pobreza. Quando o homem ia á

---

24) Clavel, Hist, pit. des reig. T. II, p. 103.

caça de dia, não encontrava nada para caçar ; e quando ia á noite, topava só com quadrupedes. Uma noite quando andava na caça, ouviu ruido no matto e escutou quem seria. Dizem que disse :—Que é isto ?—quando repentinamente apparece o Korupira. Ao contemplal-o, viu o caçador que tinha o cabello longo, os pés virados para traz e uma vara na mão.—Quem és tu ? perguntou, que caminhas de noite ? Que estás fazendo aqui em noite tão escura ? Tens coragem de ousar penetrar o meu matto ? Dizem que o Korupira falava assim, levantando a vara contra elle.—Eu vou á procura de caça para mim. Eu sou um homem pobre e tenho mulher e por isso vou á caça. Quando não encontro caça de dia, caço de noite, para comer com minha mulher.—Meu camarada, posso ajudar-te. Tudo quanto quizeres, posso dar-te. Tens fumo ?

O caçador tirou logo fumo da sua algibeira, cortou um pedaço e lh'o deu.

Fazendo frio á noite, accendeu o Korupira um fogo, assentou-se, encheu seu cachimbo de tabaco, poz em cima uma braza e fumava o tabaco que lhe dera o homem.

Depois entretinha-se com elle e conversava.—Meu cunhado, disse, se cada noite me trouxeres tabaco, guardarei para ti a caça que desejares. Digo-te, para que o saibas. Não digas nada a tua mulher. Não quero que ella o saiba ; podia ficar ciumenta. Continuou a falar o resto da noite e chegando a aurora, despediu-se. Então virou-se e foi-se.

Cada noite, quando a mulher estava dormindo profundamente, ia o pobre ao matto á caça e levava fumo ao Korupira. Chegando lá, já o achava assentado perto de uma fogueira e a caça já estava a seu lado. Eis aqui a caça para ti ! Ah ! Ah ! Dá-me fumo.

A mulher disse de si para si—Onde caça meu marido, sahindo á noite ? Onde achará caça agora ? Quero espial-o.

Quando seu marido foi outra vez á caça de noite, fingiu-se dormindo, mas estava acordada. Tendo elle sahido seguiu-o.

No logar, onde o esperava, encontrou o Korupira que logo disse assim :—Meu cunhado agora termina nosso contracto, que devias encobrir á tua mulher. E por mais que o queiras occultar, tua mulher já o sabe. Pensas que ella esteja longe daqui ? Julgas que ella esteja em casa ? Lá está ella. Tu não tens nada com aquillo que ella ha de soffrer. O Korupira deu um pulo, lançou-se contra a mulher e a matou. O homem ficou viuvo, enlouqueceu e fugiu.

Antigamente tinha o tabaco applicação na medicina. Gabriel Soares diz que indica só as curas mais notorias, como é matarem com seu sumo os vermes que se criam

em feridas de gente descuidada. Deu uma epidemia na costa do Brazil de que foi atacado o gentio, morreram muitos desta doença, sem se saber donde nascia. Finalmente encontraram um remedio efficaz na herva santa, o tabaco.

Esta planta chegou a accender vivissima guerra entre os medicos, que discorriam sobre suas propriedades, invocando a autoridade de Hyppocrates e Galeno, como se já fosse conhecida por estes. Ferviam as receitas sobre o modo de preparar o tabaco e de usal-o. A crermos a elles, faziam-se curas extraordinarias. Tomou taes proporções esta mania, que estiveram a ponto de abandonar todos os outros medicamentos para ficar o tabaco sendo o remedio universal.

A lenda da Abobora

(Formação do mar)

E' Pedro Martyr que já menciona esta lenda assaz original.

Morreu o filho do poderoso chefe Yaia. Soluços, prantos, alaridos enchem os ares, echoam pela matta. Agachado contempla o triste pai o querido filho que está morto. Não quer vaso de terra, as igaçabas a seus olhos são miseros sarcophagos; e os ritos cumprem-se, as dansas funeraes começam; em redor do defunto os fachos se accendem para limpar de genios máos a noite.

Numa abobora de disforme grandeza abriu ao dilecto filho o sepulchro. Foi bem junto da cabana e em frente da velha sapucaia. Sentou-o neste jazigo vegetal, uniu-lhe ao peito com seus collares de dentes os joelhos. Poz-lhe um par de juritys mortos aos pés e *caúan* que espanta as cobras, rodeou-o da flecha e macana.

Quando na outra manhã foi visitar o sepulchro viu o tuxava com espanto que enormes peixes se escapavam da abobora-sepulchro e as aguas que sahem, inundam a região e os pagés, mulheres, velhos e creanças trepam as arvores. Goteja a abobora mais e mais, inunda a terra e os extremos lares dessa agua; é assim que se formou o mar

A lenda do Algodão

(ORIGEM DA HUMANIDADE)

Não balanceava-se ainda o indio entre coqueiros na rede, não havia familia nem cabana nem sequer na vastidão do mar vogava a leve igára.

E veiu Sacaibú, o primeiro dos homens ou quasi um deus, cercado dos genios, seus filhos fizeram casa e quinta. Semeou o algodão.

Em breve tempo deu a terra o arbusto e mais as flores e fructos de ouro e neve.

E o filho gigante Prairú propoz a Sacaibú: Se queres arrotear o valle, a serra, lá no fundo ha homens e mulheres para cultivar a terra. Vamos descer ao abysmo ahi. Debruçando-se sobre a borda da abertura ouviram um borborinho subterraneo como de extranho povo. Segurando a trança de algodão que trançou, desceu Sacaibú pela corda.

Voltando seguiu-o pela corda gente capaz de povoar o mundo, trepando em grande massa.

E vinham tribus de diversas regiões, clima e raça, mas todos feios, deformados, gagos, de olhos tortos, esboços rudes de homens primitivos.

Guindava mais e mais e affluindo finalmente vieram outros de formas bellas, regulares.

Os primeiros todos subiram musculosos, robustos de tronco firme, côr de bronze pallido.

Mas nisto a corda estala, quebrára. A multidão afunda.

Eis porque ha tanta gente feia e a bonita é rara.

Esta lenda parece como uma prophecia a realisar-se nos tempos modernos. Segundo ella o genero humano foi creado para plantar algodão e fial-o.

Este de facto enche o mercado mundial e occupa centenas de milhares de trabalhadores e milhões de fusos das grandes fabricas.

Entre os caiapó a corda de algodão é substituida por um sipó e entre os mexicanos por um fio de aranha.

Rairú entre os mundrucú é puxado por um tatú para o abysmo, do qual sobem os primeiros homens.

Caboy, o estirpe dos carayú, ouve o grito da siriema e manda a sua gente acuda a voz della.

Esse ascender de um outro mundo de um abysmo, é um caracteristico de muitos mythos americanos mormente entre as tribus de Arizona, dos Navahos. [25]

A arvore Naliadigua

Os mocobios contam que existiu uma arvore que em seu idioma chamavam Naliadigua de desmedida altura e que com a copa tocava o céo. Por ella de galho em galho subiam as almas depois de pescar em um rio ou lagoa mui piscosa.

Porem um dia a alma de uma velha não pôde pescar e os pescadores lhe negaram o soccorro de uma esmola para seu sustento. Então irritou-se tanto contra a nação mocobi que, transfigurada em capivara, começou a roer as

25) Ehrenreich, Mythen n.Leg. der Sudamerik Volker, Szp.

raizes da arvore por onde subiam para o céo e não desistiu até derrubal-a para a terra para sentimento incrivel e damno irreparavel de toda a nação. [26]

Arvores santas

Como tal devia ser considerada aquella de que S. Thomaz fez a cruz que segundo a lenda o acompanhava na sua viagem pela America. Conforme reza a *Conquista* a escolhida foi uma especie de jacarandá, uma das madeiras mais estimadas do Brasil.

Com a cruz de S. Thomé outra arvore tem certa relação, é a *arvore de chuva*. Pois encontraram-se diversas cruzes na America do Sul cuja origem se attribuiu á presença do santo apostolo ou as quaes foram invocadas como prova de sua vinda á America.

Investigações modernas demonstraram que essas cruzes podem ter outra origem que não seja christã. Na America central e no Mexico veneraram a Tlalo, o deus da chuva e da fertilidade, e consagraram-lhe certa arvore, symbolo optimo da fructificação e productividade. Nas suas esculpturas e outras exhibições representam a arvore em forma de cruz; assim se explica como os primeiros europeos as derivaram de uma influencia christã ou se inclinaram facilmente a attribuil-as ao proprio S. Thomé.

A arvore ou a cruz é ordinariamente encimada de uma ave mysteriosa, a que offerecem os sacrificios para obterem a desejada chuva. [27]

---

26) Guevara, Anales de la Bibl. Nac. de Buenos Aires IV d. 61.

Viajantes narram de uma arvore inteiramente coberta de uma espessa nuvem que a banha de sorte que continuamente gotteja agua de sua folhagem, e os habitantes a recolhem em uma caixa com que rodearam a arvore; pois é a unica fonte de agua doce na ilha. Os navegantes do navio *Silberne Welt* de Amsterdam, refrescando ahi em 1598 reconheceram neste phenomeno um grande beneficio da Providencia. Tambem Fr. Bacon (Nov. Org.) vinte annos mais tarde menciona aquella maravilhosa arvore. E' mais conhecida a ilha de Ferro pela adopção do seu meridiano cujo uso se generalisou nos seculos 17 e 18.

27) Temos neste Estado tambem a arvores de chuva, assim denominada, não por ter relação com um culto, mas por ter a qualidade de pluviosa. Encontrei em viagem pelas Missões diversas vezes esta arvore e verifiquei, nos arredores de S. Luiz Gonzaga, o facto de gottejarem suas folhas e de estar bem molhado o chão ao pé da arvore, emquanto os arredores estavam bem seccos. Veja a nota que fiz pag. 11 da *Paranduba Riograndense*, Porto Alegre 1901. Esta especie é tambem differente de outra ***arvore de chuva***, a da ilha de Ferro.

Plantas magicas

As plantas gozam entre os indios do Amazonas de virtudes feiticeiras; o *cumacá*, por exemplo, é o *fetiche da liberdade*. Imagine-se que algum delles cahe prisioneiro, acreditam neste caso que as raizes pulverisadas do fetiche sopradas sobre as cordas que ligam o guerreiro, transportado á tribu inimiga, afrouxam os laços, proporcionando-lhe a fuga e a liberdade.

O *tajá* ou tinharão (caladium bicolor) planta herbacea das aroideas tambem conhecida com os nomes de papagaio e pé de bezerro, é o *fetiche da pescaria*. O caboclo vê nas suas largas folhas orvalhadas do relento os dentes de perola de uma bocca mysteriosa que beija com o susurro das auras a face calma do rio.» E os peixes como por encanto acodem presa voluntaria do feliz pescador.

Se a enchente submergir uma floresta, este acontecimento marca uma victoria da *Cy* (mãe) do rio contra a *Cy* da floresta. [28]

Arvores cautschu e seringueira

Na bacia do Amazonas ha duas arvores cujos productos muito procurados nos mercados do mundo, exercem grande influencia sobre os costumes dos habitantes dessa região.

A primeira é a castiloa ou caucheira (castiloa elastica). A exploração do cauchú é primitiva e ameaça a extirpação dessa utilissima arvore. No Perú, p. ex, derribam as arvores passando de uma região a outra região á cata de novos pés para cortar. Assim desenvolve-se um nomadismo profissional e interminavel que os leva á pratica de todos os crimes e attentados nos inevitaveis encontros com os indios. Tal maneira de viver acarreta a desorganisação systematica da sociedade. O caucheiro errando de rio em rio, de espessura em espessura em busca de um mato virgem onde se esconda ou se homizie como um foragido da civilisação recahe finalmente na barbaria e no selvagismo.

A sua passagem foi nefasta. Ao cabo de 30 annos de povoamento, as margens de Ucayali, tão nobilitadas outrora pela abnegação dos missionarios de Sarayaco, patenteiam hoje, nos seus vilarejos diminutos, uma decadencia moral indescriptivel. O coronel Pedro Portillo, actual prefeito de Loreto, que as visitou em 1899, denunciou-a, indignado: Ali não ha leis. O mais forte, o que tem mais revolveres á disposição, é senhor da justiça. Verberou depois o trafico

---

28) Mello Moraes F.º, Exposição Anthropologica, Rio 1882, p. 59.

escandaloso de escravos... os rastros do homem que passa pelo deserto com o só effeito de barbarizar a propria barbaria. [29]

Muito differente do caucheiro é o seringueiro, que explora a seringa ou siphonia (hevea elastica). Estabelece sua cabana de folhas de palma quando pode a beira do rio; dá-lhe por vezes um aspecto pitoresco o fundo verde-escuro da folhagem da siphonia cujos altos, esbeltos e prateados troncos distinctamente sobresahem.

Elle é ligado ao terreno que cada dia como em circulo perpetuo percorre.

Da cabana levam picadas ás seringas ; em cada uma com um machadinho abre um orificio donde começa a sahir um succo leitoso que é recebido em um pequeno vaso feito de taquara. Voltando passa de tronco a tronco e despeja os pequenos canos de taquara em uma grande concha de tartaruga. E logo passa a defumar o seu conteudo. Para a fumaça são mui proprias e servem nozes de certa especie de palma que tem a propriedade de logo coalhar o succo.

Uma pequena quantidade, quanto cabe em uma cuia, deita o trabalhador sobre uma pá de madeira que vira com geito assim que fica coberta toda e logo applica-a á fumaça em que depois de umas rapidas reviravoltas o liquido fica duro e resistente. Assim ajunta a esta mais umas camadas e finalmente tira da pá o solido involucro que é a gomma elastica prompta para o commercio.

Um bom trabalhador desta maneira pode fornecer 2 a 3 kg. por hora. E o kilo tem-se vendido por 1 e 2 mil réis; mas é o seringueiro que pouco ou nada aufere d'ahi.

Aceitando do patrão emprestado tudo, a passagem, os instrumentos, os viveres, endivida-se de sorte que nunca mais póde sahir do estado de dependencia desse *homem de bem.* E se consegue sahir das dividas, paga-lhe o patrão não em dinheiro mas impinge-lhe fazenda e viveres pelo duplo e triplo do preço ou artigos sem sahida ou inuteis para elle, e no fim do anno o pobre trabalhador deve mais que pode pagar. Escravisa-se assim nem póde fugir; tantas são as distancias do mundo civilisado ; perde toda a vontade de trabalhar, fica desanimado e desmoralisado.

E' a reproducção das miserias e da escravidão dos antigos paraguayos occupados no beneficio da herva-mate nos hervaes dos colonos hespanhóes. [30]

---

29) Euclydes da Cunha, *A' margem da Historia.*

30) A herva-mate na historia etc. Porto Alegre 1909, onde damos uma explicação pormenorisada

O cacáo

Poderoso poder-se-ia chamar este vegetal, se poderoso é o dinheiro que, segundo um proverbio allemão, domina no mundo. As favas dessa arvore faziam as vezes de dinheiro por seculos no Mexico e muito antes do descobrimento da America. Cortez narra que encontrou no thesouro de Montezuma mais de 2 e 1/2 milhões de libras deste dinheiro que representavam o tributo dos vasallos. E ainda A. von Humboldt o encontrou na Costa Rica.

Mas o poder dessas favas extende-se a muito mais, quando apparecem sob a conhecida forma de chocolate. Contam do celebre bispo da cidade de los Angeles, hoje de Zaragossa D. João de Palafox, que, não usando desta bebida formaram disto alguma materia de reparo por haver no seu bispado abundancia de cacáo. Respondeu-lhes : «Não o faço por mortificar-me ; senão porque não haja em minha casa quem mande mais que eu ; e tenho observado que o chocolate é alimento dominante, que em se habituando a elle não se toma quando a pessoa quer, senão quando quer elle.»

Quanto domina o chocolate nos que a elle se acostumam, evidencia-se pelo facto que sob a antiga dominação hespanhola, para maior regosijo de umas bodas, mandou o noivo fazer uma fonte de chocolate que correu todo aquelle dia publicamente para todo o povo. «Mais é, queixa-se Mauoel Bernardes, que em algumas terras daquella mesma corôa é ordinario, em acabando de commungar e dar graças, tomar-se nas capellas das igrejas, levando para isto de casa os apparelhos necessarios, que nunca serão tão poucos, como é de crer que são os que levam para receber o Santissimo. Porque que outra cousa é senão desprezar a igreja, fazer a nossa cozinha a par dos seus altares ? Outros sobem tão de ponto seus elogios, que não falta quem diga que, se os entendimentos comessem, havia de ser chocolate. Muito jejua o entendimento de quem, por ennobrecer uma cousa tão vil, envilece outra tão nobre ; e por fazer um estomago como de anjo, faz uma alma de cacáo». Sem entregar-se a taes excessos nem approval-os o grande naturalista Linneo deu ao cacáo o seu nome botadico, *theobroma* ou alimento de deoses.

Planta magnetica

Muito antes de collocarem sabios uma estreita lamina de ferro magnetisado sobre um quicio ou cixo para indicar o Norte, cresciam agulhas magneticas naturaes nos immensos campos da America e ainda hoje florescem em

grande quantidade como guias seguras atravez das suas extensas savanas.

Pertence á familia das compostas esta interessante filha da flora americana e deram-lhe diversos nomes como *planta-agulha, herva de piloto, planta polar* (silphium laciniatum). Era consultada pelos viajantes e guiava os caçadores indios por gerações muito antes que o mundo scientifico tomasse nota della. Pois as folhas deste arbusto tem a propriedade de inclinarem o seu contorno ao Norte emquanto as paginas ou faces das folhas olham para o Este e Oeste. Por conseguinte estas são expostas aos raios do sol nascente e poente, porem os abraçadores do meio dia não podem attingil-as de chapa. Assim sua evaporação é moderada e o seu viço protegido e conservado no meio do deserto.

Uma autoridade affirma que observações repetidas por meio da agulha magnetica das direcções assumidas por centenas de folhas tem mostrado que a crença popular, quanto a qualidade de indicar o Norte, não está destituida de certo fundamento. Capitão Reid em uma das suas obras escreve : «Tinhamos um guia ao nosso destino tão seguro como a agulha magnetica. Atravessavamos a região da planta polar, cujas folhas a cada passo indicaram o nosso meridiano» (magnetico). Longfellow dedicou-lhe uns bellos versos no seu poema «Evangeline». [31]

Plantas personificadas

Não só na avifauna, tambem na flora encontramos o que se pode qualificar de uma especie de personificação.

Ha uma familia de plantas, a das personadas, por este nome conhecidas, porque sua flor se parece com um rosto ou uma mascara. Não é destas que falamos aqui, mas chamamos de personificadas aquellas que, por seu nome ou por acções ou dizeres emprestados a ellas na ficção popular, representam ou inculcam certas pessoas. Mencionamos entre as primeiras a leguminosa o *Juca da serra* (cesalpina ferrea M.), o *Gonçalo Alves* (astronium fraxinifolium Schott), [32] a arvore *Frei Jorge* (cordia sp.), o *João Gomes*, o arbusto silvestre, *João de Puçá*, o *Ma-*

31) São os seguintes :

«Look at this delicate plant, that lifts its head from the medow ;
See how its leaves all point to lhe Northas true as the magnet ;
It is the compass flower, that the finger of God has suspended ;
Here on its fragil stalk, to direct the travellers journey ;
Over the sealike, pathless, limitless waste of the desert».

32) Revista do Jnstituto doCeará de 1910, pg. 17.

thias (cacalia optica) da familia das compostas, os arbustos *Leandro* e *Andradinho*, o *Andrade* (persea venosa), *o bom Henrique* (chenipodium), *o Caetano*.

Muito maior representação tem as senhoras e os santos.

Maria Gomes (talinum patens) da familia das portulacaceas ; da das palmeiras, *Maria Rosa* (cocos procopiani), a *Maria molle* (phytolaeca divica L.) a conhecida arvore umbú, outra arvore, a muito aromatica, *Maria preta* (cordia Salzmanni), a *Marianinha* (tradescrutia diuretica), a *Marianna* (ancostinus cauliflorus). Vêm as *Margaridas*, cada qual mais bella, a *Margarida do campo* (bellis annua), a *Margarida menor* (bellis silvestris), a *Margarida amarella* (chrysanthemum coronarium); fora desta, que é chamada tambem a coroada, vem ainda a *Rainha Margarida* (aster sinensis L.) a *Margarida de S. Miguel* (aster annualis) e não são ainda todas da nossa flora. Temos a *Catharina-conga*, arvore silvestre, e a perfumada *Lucia Lima* (lippia citriodora) tambem conhecida pelo historico nome *Heloisa*, a *Angelica* (basanacantha spinescens) que perfumada offerece suas bagas amarellas cheias de veneno. Não devemos esquecer a *Brasileira* e a *Castelhana*, esta arvore tinctoria das regiões Amazon.

O nome *Santa Maria* designa varias plantas herbaceas. A arvore *Santa Rita* fornece excellente casca para cortume ou tonificação de couros. *Santa Lucia* da familia das euphorbeaceas offerece seu leite medicinal. Seguem *São João* (cassia bicapsularis L.), a labiada *São Pedro caá*, uma especie de mandioca, *São Pedro pequeno* ; outra de talo branco e raizes grandes *S. Pedro branco*, outra de talo mui succoso *S. Pedro molle*, outra de mandioca de talo côr de rosa, *S. Pedro vermelho*, *Santo Thomé*, arvore silvestre que produz uma resina parecida ao beijoim, o *Santo Antonio* dos Argentinos da familia das myrsinaceas. [33]

Entre as da segunda classe mencionamos a amaranthacea *Quebra-panella* (telanthera polygonoides), [34] *Assa-carne* (casearia), *Assa-peixe* (vernonia scabra Pers.), *Quebracho* ou *Quebra-machado* (Aspidosperma Quebr.), o *Mata-cavallo* da familia boraginea, o *Mata-lobos* (aconitum lycoitonum) planta venenosa das ranunculaceas, *Mata-negro*, especie de mandioca de talo branco, *Matapasto*, nome de duas plantas medicinaes do Brasil da familia das

33) R. Napp, Die Argentinische Republik, Buenos Aires 1876, pg. 127.

34) Jnstit. do Ceará de 1910 pg. 9.

leguminosas (cassia sericia e c. dormicus), *Matapáo*, trepadeira da familia das clusiaceas (clusia insignis) que estrangula ou faz seccar as arvores a que se enrola, o *Pega-pega* (mentzalia fragilis Hub), [35] a *Lava-pratos* ou mamanga (cassia medica) da familia das leguminosas e a *Lava-pé* (centaurea sempervivens) das compostas e o *Official da sala* que com seus filamentos enche os travesseiros. Bom serviço prestam tambem o *Mulatinho* e o *Fradinho* (dolichos monachalis) ambos da casta das favas o *Carpinteiro*, (achilleamillefolium).

Entre aquellas a que a imaginação popular empresta dizeres, podemos contar o *Mal-me-quer* (calendula arvensis) de flores amarellas e brancas, da familia das compostas ; outro *Mal-me-quer* (callistophus sinensis). Queixam-se mais outros, o *Malmequer da campina* (wedelia trilobata) a *Malmequer grande* (heliopus scabra), o *Malmequerzinho*, parasita da familia das orchideas (epipactis campinaria) e ainda uma senecionea *Mal-me-quer*. [36]

Tambem no reino vegetal as queixas encontram-se em numero maior do que os louvores. Temos uma só *Bem-me-quer* ou a *Margarida dos prados* (chrysanthemum leucanthum). Com o grito generoso *Mata-me-embora* offerece-se uma graminea medicinal. Roga ao transeunte uma elegante (senecio elegans) *Não me deixes*, emquanto outra com gesto composto nos insinúa *Não me toque* (mimosa pudica); é a mimosa que qualificam de pudica pela sensibilidade delicada com que ao primeiro toque encolhe os foliolos. Não só falam, não só se queixam mas parece que tambem choram as flores como o salgueiro chorão (salix babylonica) e outras :

«Parece que choram sempre
As flores do campo santo :
Quando a ventania passa
Cahe orvalho como pranto.» [37]

No correr deste estudo o leitor póde convencer-se do grande interesse que reina pela flora entre os povos americanos ; não menores tem sido os seus conhecimentos medicinaes. [38]

Mas esta materia reservamos para a segunda parte.

---

35) Rev. do Jnstit. do Ceará de 1908, pg. 247.

36) S. Hil. Rio Grande do Sul, pg. 113.

37) Trovas e modinhas populares del Brasil traduzidas e parafraseadas por Clemente Barahona Vega, Santiago de Chile 1903, pg. 11.

38) Vêr o que escrevemos no estudo *A Herva-Mate*, Porto Alegre 1907, pg. 13.

II. MEDICOS, PLANTAS MEDICINAES

Antes de tratarmos destas, temos de fazer conhecimento com aquelles.

Os medicos da gente campeira, diz Granada, têm sido em geral os curandeiros. No Paraguay cada districto ou povoado tinha um, que todos os dias de festa se assentava á porta da igreja, aonde acudiam os enfermos, e lhe enviavam suas aguas em canudos. Atirava umas gottas ao ar tres vezes para verificar se cahiam conglobadas ou soltas como o rocio. No primeiro caso, havia indicios de que a molestia era procedente do frio ; no segundo, do calor. O remedio consistia em uma infusão de hervas, que o paciente devia tomar. Estes curandeiros nem visitavam os enfermos, nem queriam saber de uma descripção de seus incommodos.

Uma celebridade medica, o dr. Monardes, occupava-se seriamente de uma arvore do Perú, que mostrou, «se alguem ha de viver ou morrer». [39]

Nas reducções jesuiticas sabiam os enfermeiros sangrar e applicar alguns remedios. Dahi talvez o facto que fóra dos curandeiros a povoação do campo ainda hoje conhece um sem numero de medicamentos para toda classe de molestias.

Os jesuitas entregavam-se a estudos largos omnimodos das plantas medicinaes do Paraná e do Uruguay. Os padres Sigismundo Asperger, Boaventura Soares e o irmão Pedro Montenegro espalharam por toda a parte esta sciencia tão util.

As receitas do P. Asperger andavam de mão em mão e, segundo uma testemunha insuspeita, Azara, tinham mais credito no Rio da Prata que na Europa as de Hypocrates. Assim se explica como a sciencia medica ficou tão commum entre o vulgo no Rio da Prata. Não ha quasi cidade nem povo em que não se encontrem vendedores de hervas medicinaes, que elles mesmos colhem pelos cerros, praias, banhados, cochilhas e valles.

Manosantas e *tatadióses* chamam no Rio da Prata certa classe de curandeiros que percorrem os campos e as cidades, promettendo curas maravilhosas. Estes curandeiros commummente não sabem ler nem escrever. Não aprendem sua arte em um livro nem em uma escola. Tão pouco fazem esforços para adquirirem um capital de sciencia medica. Pode-se dizer que o curandeiro *via facti* chegou a exercer o seu officio. Um dia offereceu-se-lhe a occasião de ver se

---

39) Gonz. Doblas, Memorias de las Misiones de indios guaranis ; collecção de Angelis.

curava um afflicto, implorando a divina misericordia, benzendo, assoprando ou impondo-lhe as mãos e sahiu-se bem. Repetiu a operação uma e outra vez, sendo feliz em todas ou algumas. Correu a fama e proclamaram-no *manosanta.*[40] Nasce pois, diz o supracitado autor, e sae o manosanta do seio da sociedade e de determinadas circumstancias, como certas hervas que brotam e crescem sem que alguem as plante nem cultive, em terrenos apropriados a receber a semente que as produziu. Ao emprehender inconscientemente seu ministerio, corresponde a uma vocação que, alheia ao cultivo intellectual, se converte em monomania. Seu procedimento não differe do dos magos e feiticeiros de outros tempos e regiões, sendo que a humana natureza é sempre a mesma.

A supina ignorancia do curandeiro lhe possibilita aquella impavidez que infunde ao enfermo, pasmado da ousadia do manosanta, essa confiança e fé que á maneira de auto-sugestão produzem as vezes visiveis melhoras ou a cura completa. Ao mesmo tempo procura passar por homem de bem, não commetter acções más, visto que a pratica da virtude favorece o exito das suas curas.

Para adquirir a força necessaria para operar sobre a imaginação de seus admiradores recorre, quando trata gente religiosa, a piedosas ceremonias e praticas. As velas collocadas entre o crucifixo e o paciente offuscam-lhe os olhos e ajudam a auto-sugestão.

Apezar desta apparencia tão santa, se dermos credito a autoridade notavel, o manosanta e o *tatadiós* são ministros do espirito das trevas, que, com o attractivo de offerecer nada menos que o bem-estar physico á gente, se propõe dominal-a. Pouco importa ao vulgo ignorante donde lhe venha a cura e a saúde; fechando os olhos, se põe nas mãos de quem lhe promette e confere a saúde ou o livre de um grande perigo.

Sabe-se que algumas tribus americanas possuiam meio muito simples e radical de supprimir as enfermidades. Declarou-se grave, logo transportavam o enfermo para uma montanha visinha, depondo a seu lado alimentos

---

40) A isto não obstava que exigisse ou aceitasse pela cura ou pela consulta uma retribuição. Mas não conheço um caso em que o curandeiro recebesse ordenado, facto que se deu em Portugal.

Existe um *alvará* de 1654 que estabeleceu ordenado a certo soldado *que curava com palavras;* registado a fl. 101 do Liv. 3.º do Reg. dos Patentes. Alvará pela Contadoria Geral do Exercito do Alemtejo.

Revista Lusitana, vol. 12, n. 304, pag. 177. Lisboa 1909.

e um vaso com agua e assim o deixaram até a morte ou a recuperar a saude. Pois na sua opinião, a agua era o remedio soberano, porque sarava o corpo lavando de suas manchas a alma. Entre umas tribus parece ter vigorado o repugnante costume de matar os enfermos depois de uns dias de estado grave e as seus anciãos, para não prolongarem-se seus soffrimentos.

Entre os guaranis e tapes acharam-se casos de enterrarem vivos os seus enfermos desenganados (Techo, Hist. Parag.)

No Mexico existiu no seculo 16, um corpo respeitavel de medicos, ao qual tambem religiosos de diversas ordens forneceram seu contingente. Um delles, João de Unza, quando um de seus enfermos succumbira, o bom do franciscano espiava por umas disciplinas sangrentas a negligencia que talvez podesse ter commettido. Se certos doutores fizessem outro tanto, accrescenta um autor, com que cruas espaduas deviam andar.

Apezar de reconhecerem os europeus a grande herança de conhecimentos de hervas medicinaes que lhe deixaram os indigenas, não se pode desconhecer a occulta ou aberta opposição que medicos de alem mar fizeram por vezes a seus concurrentes mexicanos.

Verdade ou lenda, o episodio do *doutor indio* lembra essa hostilidade. Accusado de exercicio illegal da arte medica, entregue ao super-intendente medico da capital azteca e no ponto de ser condemnado por impericia, o pobre curandeiro pediu seus juizes que cheirassem o perfume d'uma herva que lhes presentou. Todos foram immediatamente atacados de uma violenta hemorrhagia; o accusado desafiou-os a sustal-a. Mas todos seus remedios que applicaram não deram resultado até que o indio lhes apresentou aos narizes um outro vegetal que estancou o sangue como por encanto.

Procurando penetrar um pouco na epoca precolombiana dos mexicanos, acharemos que a materia medica é rica na cordilhera de Anahuac, mas até hoje pouco estudada e conhecida.

Entre os Azteques andava a clinica misturada com praticas religiosas e supersticiosas. Tornando-se perigosa a doença o medico dizia ao enfermo: «Commettes-te um peccado» e lhe repetia até que fez a confissão de um talvez já muito antigo. Isto foi para elle a medicina principal: para salvar o corpo, é preciso primeiro justificar a alma. Parece ouvir-se uma das sentenças do sabio do antigo testamento. Essa idéa tão profunda e justa encontra-se tambem, posto que desfigurada, entre outras tribus americanas como nas crenças do mundo antigo. Sabem os autores que

houve uma especie de confissão no Mexico ante-colombiano. Bem que differente da christã explica o incrivel empenho dos azteques em receber dos primeiros missionarios o sacramento da penitencia.

Como os antigos povos do Oriente, os babylonios e outros, conheciam os mexicanos diversas cathegorias de magos e feiticeiros; uns tinham por especialidade os maleficios. Entre outras praticas, ainda hoje em vigor, onde o christianismo ainda não lançou raizes, os feiticeiros formavam de argila ou por meio de pedaços de panno uma especie de boneca, atravessaram-na de espinhos de agave e foram collocal-a a bordo do caminho da victima. A pessoa enfeitiçada devia infallivelmente sentir dores nas partes marcadas pelos espinhos.

Para livrar as victimas do maleficio havia outra classe de feiticeiros aos quaes incumbia a tarefa de neutralizal-o.

Mui usada foi uma cactacea chamada *peyotl* que, comida ou tomada em infusão é capaz de produzir uma embriaguez de dois a tres dias. E' ella que dá coragem e tira inteiramente o medo na batalha e torna a gente insensivel á fome e sede e preserva de todo o perigo. Para muitos foi o peyotl não só uma panacea, mas uma herva santa, que tinha suas festas. A raiz revelava o futuro e lembra a herva-mate dos feiticeiros do Brasil austral.

Os primeiros missionarios e seus successores no correr dos tempos fizeram grandes esforços para extirpar as multiplas superstições cujo centro formava a «raiz diabolica» do peyotl e ainda hoje é demais conhecida.

Já os conquistadores gabaram a cirurgia e a therapeutica dos mexicanos e muitos dos hespanhóes que seus mais habeis patricios tinham desenganado e reputado perdidos, deveram-lhes a vida; tratadas por elles cicatrizaram de pressa as feridas. Se o merito dos medicos mexicanos não fosse real, Cortez não teria pedido ao imperador, não deixasse sahir medicos alguns para a America.

E' duvidoso se ou não formassem os medicos um proprio corpo ou classe da população. Parece ao menos que sem ignorarem outros conhecimentos medicos, uns se dedicaram particularmente á cirurgia que outros eram dentistas e occulistas; pois encontram-se essas palavras no vocabulario da lingua.

Houve medicos da côrte, privilegio que para alguns podia ficar fatal; succumbindo o augusto enfermo, diversos medicos deviam acompanhal-o para a outra vida, onde continuariam o serviço.

Fóra de parteiras, havia tambem doutoras ou senhoras medicas que tratavam as mulheres.

Testemunhas de incontestavel autoridade nos informam a que estupendos resultados chegaram os therapeutas de Anahuac.

Se porem seus conhecimentos, fundados sobre uma observação e experiencia secular, se elevou a preceitos certos e si estes pouco a pouco a altura d'uma arte ou d'uma sciencia, o que aliás parece provavel, não o sabemos. Um vasto campo de estudos se lhes abria nos hospitaes antecolombianos de Mexico, Tlascala e outras grandes cidades.

Tambem os exercitos possuiram seus medicos e cirurgiões que tratavam os feridos durante a batalha em logar retirado. Dispuzeram de um balsamo de força maravilhosa para sarar as feridas mais rebeldes. Para subtrahirem os enfermos ás dores da operação cirurgica, em algumas tribus usavam de agentes anestheticos. Para o mesmo fim, segundo Sahagun, applicavam os grãos de *yauhtli* ás victimas sacrificadas ao deus do fogo.

Resta fazer uma resenha de plantas medicinaes; escolhemos algumas das mais afamadas.

Mil-homens

Esta trepadeira ou cipó é da familia das aristolochias e veiu-lhe tão rara denominação de uma occurrencia que tivera um curandeiro brazileiro. Expondo a energia que tem esta planta como contra-veneno da mordedura da jararáca, disse que tinha curado, por meio della, mais de mil homens. Outro nome é *isipo-curuçú*, que quer dizer cipó de cruz, e refere-se á qualidade dos ramos que, quando cortados obliquamente, offerecem a representação de uma cruz.

Os indios de Missões (na republica Argentina) chamavam-na tambem *cipó dos feiticeiros*. Tinham por cousa assentada que o uso do *isipo* era remedio efficaz e preservativo contra o mau olhado e todo o feitiço. A vista fixa, diz Granada, serena e apparentemente meiga, porém insidiosa e perfida da jararáca que fascina e embaraça o vôo das avês e arrasta os animaes a suas crueis e devoradoras fauces, valia tanto para os indios como o encanto e quebranto dos feiticeiros e bruxas.

Os indios barbaros, como o homem primitivo, notando uma apparente semelhança entre as cousas, logo tiram a conclusão que entre ellas existe uma occulta correspondencia. O *isipó-curuçú* desvirtua o veneno da jararáca; por conseguinte servirá tambem, concluem, para remedio contra a fascinação.

Querem tambem que o cipó mil-homens por uma certa sympathia preserve da mordedura da jararáca. Para

conseguil-o, não ha outra cousa que fazer do que trazer junto a qualquer parte do corpo um tôco deste cipó, para que fique preservado da aggressão do perigoso reptil. Se esta trepadeira contem um veneno mortifero para a jararáca, como asseguram, não seria para extranhar que o seu cheiro tivesse o effeito de afugental-a. Cousa semelhante affirma Humboldt que succede com o guaco do Perú. [41]

Crê e assegura a gente do campo que as cobras, enroscando-se nas patas das vaccas leiteiras, lhes tiram o leite, opinião que, deve-se notal-o, é pouco conforme com os ensinos da zoologia que affirma que estes reptis não tem orgãos apropriados para mamar nem chupar liquido algum. Terão outros meios de tirar o leite? Deixariam as vaccas correr o leite e cahil-o nas fauces abertas, quando excitadas pela astucia destes ophidios?

Seja como for, contam que umas vaccas leiteiras em um povo de campo voltaram do pasto com uberes seccos. Suspeitando o dono que fossem cobras que lhes tirassem o leite, apartou-as da sua querencia. [42] Porem, logo que se

41) Attribuem ao colmilho ou dente de jacaré igual ou ainda maior força preservativa: Quem traz um dente de jacaré á raiz da carne está livre do maleficio e de todo veneno dado em comida e bebida. Não será sem interesse nem fóra de proposito saber o que se deu com frei Pedro José de Parras. Navegando no Paraná, topou com a opinião das virtudes que os santafesinos imputavam aos colmilhos do jacaré contra o veneno e mordedura das cobras venenosas. Ainda que tivesse esta opinião todas as apparencias de fabula, quiz convencer-se da verdade ou falsidade do que era cousa indubitavelmente admittida pelos naturaes de Santa Fé e fez a experiencia com dois cachorros.

Sahiu-lhe o experimento conforme com o que lhe asseveraram e foi tão convencido da verdade desta opinião, que trazia sempre comsigo um colmilho de jacaré. Frei Pedro José de Parras, franciscano, fóra da descripção da sua viagem na America do Sul, escreveu a obra —Governo dos regulares da America; foi reitor e chanceller da real e pontificia universidade de Cordoba em Tucuman. (El P. Fr. P. José de Parras, Diario e Derrotero de su Viaje por el Rio de la Plata, anno de 1749 e subsiguientes, na Rev. de la Bibl. Publ. de Buenos Aires por D. R. Trelles.)

Tambem o P. Pauke S. J. diz que o colmilho do jacaré é um contraveneno geral; elle mesmo trazia um, preso em um dos braços. Conta tambem como os hespanhóes põem um colmilho embutido em prata ao collo dos filhos.

42) «Querencia», logar onde o animal costuma parar, tomando-lhe affeição, de sorte que lá sempre se encontra. (Poranduba Rio-grandense, Porto Alegre 1903, pag. 9.)

descuidava, voltavam as vaccas, como se ali estivessem suas crias esperando o leite. Começou a observar com attenção: então pôde convencer-se da verdade do que antes era só suspeita.

Umas viboras grandes enroscadas nas pernas das vaccas pareciam mamar tranquillamente. Não podendo matal-as, poz, depois de se terem retirado as cobras, em redor do collo das vaccas uns ramos de mil-homens e desde aquelle tempo em deante não voltaram mais as viboras a sacar o leite.

Entre as opiniões supersticiosas merece ainda menção a seguinte. A mulher que defuma um quarto com o cipó mil-homens não espera em vão aos que deseja que a visitem.

Pau santo

Mui celebrado é o *pau santo* (guayacum offic.) ou *gauyaco*, da familia das terebinthaceas. Ha diversas especies, das quaes uma é chamada *quebra-machado* por sua rara dureza. Ha uma especie que comparam Lozano e Guevara á caroba do Brazil. [43] São arvores mui aromaticas e resinosas, grossas e altas, de madeira fortissima e excellente para architectura. Entre as virtudes medicinaes que lhes attribuem insignes medicos é de notar a de curar as chagas dos pulmões.

Segundo o irmão Montenegro, tem a resina destas arvores virtude ainda maior: a de curar a tisica em estado adeantado.

Muitos usam copos feitos desta madeira para beber agua, preservando-se assim contra as ditas molestias.

A respeito desta planta existe a seguinte fabula ou lenda. A producção desta arvore é um dos mais raros prodigios da natureza; é de saber que nas suas flores se criam certas borboletas, que se podem com razão chamar seus fructos; pois não dá outros. Crescem até certo tamanho, quando sentindo com natural instincto a proximidade do seu fim, convertem em vegetal sua vida animal, tornando-se em planta e arvore sua substancia de borboleta.

Mas como se effectua essa maravilhosa conversão? Não ha cousa mais simples no mundo. Ao tempo determinado cosem-se as borboletas com a terra, introduzindo-lhe os pesinhos, que com facilidade se transformam em raizes. Vae crescendo e de raiz tão debil levanta-se uma arvore robusta e mui alta; cousa verdadeiramente digna de admiração que de uma borboleta inutil se forme uma arvore tão forte e proveitosa.

43) Uma bignoneacea, jacarandá procêra. E' pois a familias diversas que se impõe o nome de páo santo.

Diversos autores antigos [44] referem neste teor e como realidade a supposta metamorphose das borboletas ; um delles, que nos deixou seus manuscriptos e morreu no principio do seculo 19, exprime porem uma duvida e abona-se com a autoridade de outros.

Balsamo das Missões (schinus molle)

Esta terebinthacea é arvore alta de madeira branca solida e muito propria para construcção ; suas folhas são estreitas, compridas, dentadas, parecidas ás do salgueiro ; suas flores pequenas brancas, dispostas em forma de cacho ; sua semente é semelhante aos grãos de pimenta. Da resina de suas folhas e ramos preparavam os jesuitas das antigas missões do Paraná e Uruguay um remedio para feridas, ulceras, doenças, uma verdadeira panacéa. Chamava-se balsamo de *aguaraibá* ou balsamo de Missões.

Contam argentinos que não ha correntino, ou paraguayo que, ao passar por uma praça ou caminho onde haja um *aguaraibá*, não se achegue a elle e lhe arranque um raminho. Este põe no chapéo ou na sua guayaca [45] para leval-o contente para casa, com o fim de applicar suas folhas a quantas indisposições ou males tenha sua familia. A fé que lhes merece esta planta feiticeira é illimitada.

Semelhante a esta quanto á importancia e applicação, é a arvore *anguay*, conhecida sob o nome de *balsamo do Brazil.*

Nas regiões banhadas pelo Uruguay, é famoso um genero do supracitado balsamo das Missões ou aguaraibá. que não é outro do que a nossa

Aroeira (astronium urundeuva)

E' temida por seus effluvios que excitam de tal maneira o sangue a algumas pessoas, em só passar por baixo desta terebinthacea ou mesmo só com approximarem-se della, que adoecem de um modo alarmante. A uns põe em estado que os assemelha a atacados de sarampo, a outros deixa turgidos e inchados. Declara-se uma febre, assomalhes sangue aos olhos, annuvia-se-lhes a vista. Contam que entre 1877 e 1878 falleceu um individuo em Catalan (Estado Oriental) pela acção morbifica da aroeira. Lavrára com seus peães paus de aroeira com o fim de fazer um galpão. Adoeceu com os symptomas ordinarios do mal da aroeira

44) Lozano, Historiade la Conquista I. cap. 9.

45) Bolsa de couro presa a uma cinta, vocabulo usado no Rio Grande do Sul.

e apenas tinham passado tres dias quando já não pertencia ao numero dos vivos.

Para curar-se do mal dos effluvios da aroeira, dizem, basta uma fricção com canna. Mais efficaz, mais simples e experto remedio é recorrer ao remedio superior da sympathia. Entre as diversas manipulações que empregam, figura tambem a seguinte. O doente saúda um ramo da aroeira, mas ás avessas do tempo. Da manhã, lhe diz :— Boa tarde, senhora aroeira. E quando for tarde, dirá : Bom dia, senhora aroeira.

Como porem seja preferivel precaver-se do mal, os homens de campo, quando tem que cortar uma aroeira ou de passar por baixo della, usam daquella mesma forma sympathica Mas meus leitores não devem rir, se desejam que lhes conte a reverencia com que a saudam.

Primeiro detem-se o lenheiro a pouca distancia com grande respeito, como se se apresentasse perante a divindade. Emquanto a saúda, não é permittido nem sequer pestanejar, tão fixa deve ter a vista no objecto de sua attenção.

Tres vezes consecutivas ha de repetir a saudação. Terminada esta ceremonia, não tenha medo de que a aroeira o damne. Chega-se ainda com o chapéo na mão, mas sem ulterior reverencia descarga vigorosos golpes de machado ao tronco, até dar em terra com a arvore, que ha de servir-lhe de lenha no fogão ou de postes no curral. Comtanto que a saudem com muito apparato e deferencia, consente em que a derrubem e despedacem.

Lembra o animismo dos antigos que consideravam certas arvores habitadas de nymphas ou dryades.

Salsaparrilha

Um cipó mui conhecido e não menos apreciado é o da salsaparrilha (smilax japecanga). E' o historiador Lozano que nos informa que se cria esta planta em tanta abundancia nas margens do Rio Negro, neste Estado do Rio Grande do Sul, que a elle se attribue serem muito saudaveis as aguas daquelle rio. Quem pois quizer renovar a pelle e o sangue e curar-se de doença muito ruim, desça nas ondas do Rio Negro e sahirá como renascido.

Tambem os hodiernos habitantes do Rio Negro na Republica do Uruguay têm a convicção que suas aguas são saturadas da salsaparrilha e diversos navios fazem boa provisão deste liquido salutar. G. Rahola, Sangre Nuevo, Barcelona, 1905, p. 237.

III. BOTANICA NO MEXICO PRECOLOMBIANO

Por ordem de Philippe II. foram recolhidos os conhecimentos botanicos dos antigos Mexicanos. Dos restos

desses monumentos, em parte destruidos pela adversidade dos tempos, um exame attento e criterioso deduziu que a botanica desse povo superava a de muitos povos do antigo mundo. Que a commissão hespanhola chefiada pelo *protomedico* Hernandez em pouco tempo compoz uma botanica toda desconhecida não admira, quando chegamos a saber que os indios lhes indicaram mais de 1200 nomes de plantas e que muito antes do advento de Cortez existiam jardins botanicos em diversas cidades de Anahuac, nas quaes se estudaram não só as plantas locaes mas exoticas e foram submettidas a diversas experiencias.

Grande era, de effeito, entre os mexicanos a estima e apreciação da flora. Apparecer em publico com um ramalhete na mão era uma distincção social, um signal de nobreza e certas plantas eram reservadas aos principaes da nação, e algumas só ao monarca. Nenhuma pessoa era admittida á presença deste sem levar um ramalhete. O mesmo estylo dominava nos templos. Tlalo, o deus da chuva recebia as primicias das flores da primavera e até esta solemnidade era prohibido cheirar-lhes o perfume. A corporação dos floristas celebrava nessa epoca a festa da sua deusa tutelar. Parece que se celebrou tambem uma grande festa floral, uma especie de «batalha de flores» do nosso tempo moderno.

Os povos tributarios deviam pagar seus impostos em flores. Quasi todos os dias entravam na capital de Mexico carros de roseiras, de jasmins e loureiros que os vasallos iam plantar nos terrenos de seu senhor. Suas collecções augmentavam de dia em dia, as vezes a preço de combates sanguinarios.

Assim o ultimo imperador mandou embaixadores a um rei visinho pedindo-lhe uma arvore de flores mui bellas e de suavissimo perfume. O rei recusou o pedido e o imperador lhe declarou a guerra e lhe levou com a cubiçada arvore a corôa e a vida.

Essa paixão pelas flores e plantas explica a existencia de magnificos parques que mais tarde foram o objecto de admiração dos conquistadores. Um desses foi formado de mil cedros enormes e bellos para provavelmente servirem de abrigo a plantas mais delicadas. O jardim de Huantepec, segundo affirma Cortez, media duas leguas de circumferencia. Quando um dia o seu dono tinha adquirido raras e bellas plantas, procuradas em longinquas terras, levantou as mãos ao céo para render graças ao Senhor da natureza e quando no terceiro anno appareceeram flores, deitou a chorar ao vêr como foi bem succedida a empresa.

Mas os creados exploradores tinham jejuado oito dias e fizeram offerta de incenso ao deus das flores e derramaram a maneira de sacrificio umas gottas do seu sangue, tirado das orelhas, sobre as plantas adquiridas.

Si os monarcas do Mexico mostraram sua opulencia em luxuosas plantações, não menos se interessaram pela creação de jardins botanicos que servissem tambem á cultura de plantas medicinaes.

A darmos credito a Solis as possuiam para todas as enfermidades, opinião que é confirmada por Gomara e outros ; e a propria lingua nahua o attesta, sendo mui numerosos os termos botanicos do seu vocabulario exprimindo muitas vezes as propriedades caracteristicas do vegetal e suas applicações.

Não admira que Humboldt e Bompland com os indios aprenderam esse grande numero de plantas officinaes a que se referem nas suas obras.

Estes factos falam alto em favor dos Azteques, annunciando um elevado gráo de cultura. Apezar de possuirem já na edade média os benedictinos de Salerno e outros uma especie de jardim botanico, os historiadores consideram como os primeiros no sentido proprio e moderno, isto é, taes que se abriram ao publico, aquelles que estabeleceram os senados das cidades de Pisa e Padua de 1543 a 1546 e esses foram precedidos pelos dos mexicanos.

Por certo é um facto interessante da ethnologia que houve um povo americano, do qual aquelles que vieram trazer a civilisação para a nova descoberta, ainda poderam aprender ao menos a arte de melhor observar a natureza.

Outro facto, consequencia natural do enthusiasmo que nutre este povo pela flora, é que existem no seu vocabulario muitos synonimos que designam a mesma planta e quando se comparam entre si, se acha que não são uma mera juxtaposição de termos locaes ou provinciaes, mas que tendem a dar uma descripção exacta do typo vegetal.

Elles designam a forma e o aspecto da planta, as condições do habitat, a natureza, a consistencia das folhas e da flor, as cores, as dimensões e os pormenores minimos. A raiz, a haste, as folhas, a flor, o fructo exprimem-se por uma radical caracteristica, que entra na composição de outros termos e se modifica segundo as particularidades de cada um dos orgãos. Que o caule por ex. seja lenhoso ou herbaceo, coberto de espinhos ou de tal classe de espinhos, que seja cylindrico, nodoso, desenvolvido em tal ou tal direcção; tudo isso, o idioma nahua (mexicano) o traduz sem difficuldade, de sorte que sahe quasi um retrato da planta. [46]

---

46) A. Gerste, Notes sur la medicine e la botanique des anciens Mexicains.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Sem entrar em mais outros pormenores basta relatar o resultado de investigações conscienciosas, a saber : A botanica mexicana mostra-se mais adiantada que a contemporanea do velho mundo a qual só desde Tournfort no seculo XVII, começou a determinar com precisão os limites dos generos das plantas.

A geographia botanica de data tão recente na Europa já occupou a attenção dos mexicanos. Deram a cidades, provincias, montanhas os nomes dos vegetaes que ali se encontram. Examinando o mappa de Mexico topamos ainda com nomes indigenas e se lhes pedirmos a ethymologia muitas vezes sahirá um nome de planta.

A cidade de Ahuacatlan é o logar onde abunda o ahuacatle (persea gratissima) ou o nosso abacate. Chiltecpintla, região onde cresce o chiltecpintli que dá uma pimenta mui forte.

Huaxtepec, n'um planalto, onde cresce o huaaxion (leguminosa). Xochiyetla é a localidade onde prospera o tabaco-flôr ou o tabaco perfumado. Xoconocheo, local onde se colhem as cochenillas. Misquitlau, paiz do misquitle ou da planta mimosa.

Dizem que tambem nos poucos restos das suas producções poeticas se reflecte essa attracção ou quasi fascinação pela flora.

Eis uns fragmentos poeticos :

«Tua morada, ó Autor da vida, é em todo logar. As alcatifas que a adornam são as flores, bellos tecidos de flores. E' la que as crianças te dirigem sua reza.»

Um dos grandes sacrificios para quem contempla a brevidade da vida e o nada dos prazeres humanos, é abandonar as flores odoriferas. «Choro quando penso que um dia essas bellas flores não serão mais para mim.»

P.e C. Teschauer S. J. (Rio Grande do Sul)

Enigma—16

| | | | | | | | | | | | | | | |

(4 lettras)

Com os treze páos que acima estão
um pergaminho, leitor, terás,
que em outras eras foi muito usado
pelo mestre-escola e juiz de paz

dizem outros ser uma pelle
de bezerro, já preparada.
Forceja, pois, leitor, se queres
ver-te livre desta embrulhada.

A. S. Marques (Rio Grande)

Charada casal—17

Ao meu amigo Areimor

Não vi, nem penso ver um par mais parecido.
Vendo-os dir-se-ia que um nascera expressamente,
cumprindo ordem formal do Deus omnipotente,
para na mansão terrea ao outro ser unido.

Ha pouco satisfiz meu intimo dezejo
de lêr daquelle par as amorosas cartas,
cheiinhas de expansões e de ternuras fartas,
que, de algumas citar não desperdiço o ensejo.
Uma bella manhã, erguendo-se do leito,
assim ELLA contava as ancias do seu peito :

Meu anjo : sonhei comtigo :
eu dormia, tu velavas
e a tua amada guardavas
com sincera devoção.
Tu á minha cabeceira
eras do meu abandono,
da innocencia do meu somno,
meu amparo e protecção.
Meu querido anjo da guarda,
nem eu sei dizer-te quanto
tinha de puro e de santo
o sonho que então sonhei !
Meu defensor adorado,
estavas de mim tão perto...
Mas, em seguida desperto,
olhei, não te vi, chorei !

Não sei se pela impressão
que me fez essa tristeza,
que sendo do somno presa
continuei a sonhar.
Vi-te, meu anjo, mettido
no burel de um franciscano !
Que horror ! Se não fosse engano,
não podiamos casar.
Longe vá tão triste agouro.
Que sonho mau que sonhei ;
mas, felizmente, accordei
e dissipou-se a visão.
Se nascemos um para o outro,
como sempre tu me dizes,
seremos muito felizes,
sem maguas no coração.

Tomando a penna então, jocunda lida aquella,
ELLE assim dissipava os vãos receios della :

Descança mulher querida,
não acredites em sonhos ;
ou sanhudos ou risonhos
não passam de uma illusão.
Os teus encantos me prendem,
as tuas graças me ligam
e não ha, por mais que digam
quem quebre tanta prisão.
Não temas, não, que te fuja,
que te olvide um só momento
e nas grades de um convento
vá meu porvir clausurar.
Prefiro a suave cadeia
carinhosa dos teus braços
e aquelles perpetuos laços
que se dão ao pé do altar.

Sublime vaso que encerras
bondade santa e divina ;
formosura peregrina
que dizer nem mesmo sei;
para poder prosternar-me
ante imagem tão sagrada,
meiga mulher adorada,
num altar te colloquei.
Guardo-te a ti, tu me guardas :
se velo o teu somno puro,
tu velas por meu futuro ;
tens forças que ninguem crê.
Com tuas palavras doces,
com afagos, com carinhos,
anjo, puzeste-me anjinhos,
estou á tua mercê.—4

Nessas almas irmãs o amor deitou raizes.
Casaram-se depois. Foram muito felizes.

Gonçalo da Cunha.

Logogriphos — 18 e 19 (Por syllabas)

Quatro caturras tresandando a vinho—3-1
negavam o poder que o papa tem ;—2-1
e eu segui socegado o meu caminho
por vêr que a turra não findava bem.

Thansiata (Porto Alegre)